

A romantic close-up photograph of a man and a woman. The man is at the top, leaning down towards the woman who is lying down. They are both looking at each other, and their faces are very close, suggesting an intimate moment. The woman has long, wavy brown hair with blonde highlights. The man has short, dark hair. They are both wearing white clothing. The background is softly blurred, focusing attention on their faces.

Fuca

COMIGO

~ JARIANE RIBEIRO ~



Table of Contents

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Epílogo

Capítulo bônus

Nota da autora:

Agradecimentos:

Não deixe de conhecer Surpreenda-me

Jariane Ribeiro

Fica Comigo

EDIÇÃO DIGITAL

Capa: Annie Sabat

Copyright © 2018 Jariane Ribeiro

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento ou reprodução de qualquer parte desta obra, qualquer seja a forma utilizada – tangível ou intangível –, inclusive distribuir gratuitamente e de maneira remunerada sem o consentimento escrito da autora.

Para todos aqueles que acreditam em destino...

E no amor

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Epílogo](#)

[Capítulo bônus](#)

[Nota da autora:](#)

[Agradecimentos:](#)

[Não deixe de conhecer Surpreenda-me](#)

Capítulo 1

Eu amo sexo.

Tudo bem, eu sei que começar uma história assim faz com que pensem que eu sou uma ninfomaníaca, ou qualquer outra palavra do gênero, mas na real, eu amo sexo, mas ainda assim (insira um enorme ainda), sou sexualmente frustrada.

E não, não tem nada a ver com os homens que já passaram por minha cama. Está certo que teve aqueles com o “brinquedinho” grande e que não sabiam brincar; os com o “brinquedinho” pequeno e que só fazia cosquinha; e uns poucos que me fizeram contorcer sob os lençóis, mas a razão da minha frustração é que todo os dias eu vejo um homem gostoso, só de cueca e com vários músculos abdominais deliciosos e que faz com que eu salive. Sabe o que é estar de frente para a tentação e não poder sequer tirar uma casquinha, ou melhor, dar uma provadinha?

Eu sinto essa frustração desde o tempo em que nem sabia o que era tesão, acho inclusive que a primeira vez em que me toquei foi pensando nele. Só de imaginar o que poderia fazer com o vizinho em uma cama, já sinto meu corpo todo arder e se tiver algum engraçadinho achando que é menopausa, pode parar, estou muito longe disso e se eu tivesse, ainda assim sentiria porque sou uma mulher carregada de hormônios que por sua vez estão carregados de frustração.

Eu sei que se disser em voz alta sobre o quanto eu ardo pelo vizinho irão me chamar de pervertida, depravada, que eu sou mulher e por isso deveria me dar ao respeito e ainda que o homem transa, levanta as calças e continua sendo homem, mas a mulher leva outro nome, mas acredite, nada disso vai fazer com que eu mude a minha forma de ver o mundo. Sou uma mulher com desejos e que, tirando esse pequeno detalhe *vizinha!* (porra, essa

palavra existe?), sou muito bem resolvida comigo mesma.

E não, eu não tenho corpo de modelo, muito pelo contrário, sou gorda (gorda, não gordinha, fofinha, fortinha ou qualquer “inha” que queira me definir), e não fico fazendo dietas loucas, malhando sem parar, ou me escondendo do mundo com medo de sofrer preconceito. Há muito tempo descobri que meu peso, aquele mísero número que a balança mostra a cada vez que me dou ao luxo de subir nela, não tem nenhuma relação com a mulher que eu sou.

Está certo que apesar de ser muito bem resolvida comigo mesma, a minha vida está uma loucura e não estou me referindo ao vizinho frustração, ou ao meu trabalho, mas ao fato de que aos vinte e um anos eu ainda moro com meus pais, que por sinal se divorciaram e agora me fazem de mediadora. Eu estou literalmente em cima do muro que passou a dividir a vida deles e ainda tenho que ficar tentando ser o meio de comunicação.

Neste exato instante estou vendo minha mãe terminar de arrumar a mala porque vai para um cruzeiro com o *personal* da academia, seu antigo amante e agora namorado. Eu chamo Adalberto carinhosamente de Pivô porque ele foi o Pivô da separação dos meus pais, mesmo que recentemente tenhamos descoberto que era chifre trocado e não recebido já que meu pai tinha um caso com a moça da lanchonete da esquina do escritório de contabilidade em que é dono. Quem diria que os contadores têm aventuras além de ir em busca de uma calculadora moderna, hein?

— Aproveita o tempo livre, Maria Alice — fala minha mãe enquanto confere a elasticidade de uma calcinha, minúscula, rendada. — Está de férias também, então nada de passar os dias em frente ao computador escrevendo aquelas coisas desenxabidas.

— Papai vai vir passar o Natal comigo.

— Não tenha essa certeza — ela desdenha e joga um lubrificante dentro da bolsa. O que diabos ela pretende fazer nesse cruzeiro? — Ele vai ficar com a Pastel e você deveria chamar Estela ou então arranjar um

namorado. Ninguém merece passar o Natal sozinha, amor.

Esforço-me para não revirar os olhos. Eu sei que já deveria estar preparada para as surpresas da vida, mas se alguém tivesse me dito que esse ano eu veria meus pais separados e seria abandonada no Natal, eu gargalharia na cara da pessoa e voltaria ao meu sorvete de flocos, mas aqui estou eu, vendo minha mãe levar lubrificante, calcinha mais sexy do que todas as que eu já tive na vida e prestes a viver uma aventura que nem em sonho eu viveria porque, contrariando as expectativas de quem é bem resolvida, eu gosto um pouco da rotina.

— Não se preocupa comigo, estou bem — garanto a ela, mesmo que eu já me imagine tendo umas pequenas emoções com Gilberto enquanto vejo filmes natalinos.

Gilberto é meu vibrador roxo, macio e feito para me dar prazer e não um homem, esse mesmo faz dois meses que eu não sei o que é. Se fosse exagerada, diria que estou em abstinência de carícias e que irei esquecer de como é bom ser tocada por um homem que sabe os lugares certo de fazê-lo.

— Se estar bem significa ficar me olhando com essa cara franzida e esse beijo de cachorro pidão, então está ótima Maria Alice — mamãe desdenha e então fecha o zíper da mala laranja. — Minha analista me disse para cortar o cordão umbilical, querida.

Tenho vontade de descobrir o telefone da analista e perguntar se ela também aconselhou a loucura que tomou conta da minha vida. Sério mesmo, minha mãe sempre pareceu apaixonada por meu pai, eles viviam se agarrando pelos cantos, para meu total horror, e agora estão cada um para um lado. Sei que já disse umas três vezes que entendo, mas qual é? Meus pais eram meu exemplo de amor verdadeiro, o tipo de relacionamento que eu queria para mim e olha só como estou agora? Tendo de passar o Natal com um vibrador que custou mais do que um romance de banca e não estou reclamando de Gilberto porque ele tem umas funções muito loucas, mas isso não quer dizer que ele seja uma companhia adequada, ainda mais na minha

data favorita.

— Estou indo, Maria Alice — anuncia minha mãe e joga a mala no chão e em seguida um casaco sobre os ombros. — Se divirta e não crie a ilusão de que seu pai virá ficar com você. Corte a ligação com ele também, chuchuzinho.

— Não vou esperar e qual é a do casaco se vai para um cruzeiro? É pela costa do Alasca e não a brasileira?

— Você é tão sem graça, Maria Alice — ela repete meu nome completo pela enésima vez e faz um gesto com a mão. — Nunca viu os filmes em que as mulheres sobem a rampa que leva ao navio e acenam com um casaco nos ombros? Deixa-me ter meu momento, garota!

— Táaaaaa!

Ela resmunga algo, me dá um abraço frouxo, aperta minhas bochechas e então sai do apartamento. Olho pela janela da sala e a vejo entrar em um táxi. Já tem alguém no banco de trás, provavelmente o Pivô. Cara mau-caráter, sequer se apresentou a mim antes de enfiar a língua, e outras coisas, na minha mãe.



— Estou me sentindo deprimida, Estela — reclamo para minha melhor amiga quinze minutos depois da minha mãe ter saído. — Acredita que meu pai me enviou um e-mail dizendo que está saindo da cidade?

— Temo ter que aumentar esse sentimento, querida — diz Estela e eu ouço o barulho esquisito que faz ao tomar café. — Eu e Guilherme iremos passar nosso primeiro Natal sozinhos.

— Até você! — não consigo evitar o grito. — E aquele negócio de ser amiga em todos os momentos, sua cadela?

— Maria Alice, respira. Uma hora você teria que se virar sozinha, amiga. Nem sempre as pessoas seguem a rotina que você tanto ama.

Penso em dar uma resposta mal criada, até mesmo criar um argumento, mesmo que Estela seja uma advogada criminalista que tenha resposta para tudo e que quase saiu no braço com um delegado no estágio.

— Meu cliente chegou, mais tarde nos falamos.

E é dessa forma que a terceira pessoa mais importante da minha vida me dispensa.

— Você não vai me abandonar, não é Gertrudes? — olho para a gata obesa e preta deitada no sofá branco.

Ela apenas levanta a cabeça, pisca de maneira preguiçosa e volta a dormir. Até a gata está sendo afrontosa comigo.

Com um suspiro frustrado, vou para a sacada e sento no chão, apoiando os braços na balaustrada. Olho para o pátio e vejo as crianças jogando futebol em um local proibido pelo síndico folgado.

Por um momento sinto saudade de ser criança porque se eu fosse uma não estaria sozinha agora. Nunca gostei muito da solidão, mas parece que ela está se tornando inevitável nos últimos tempos. Eu sei, uma hora a gente cresce e aprende a gostar da própria companhia, mas até se acostumar com isso leva um tempinho.

Continuo observando as crianças brincarem até a noite chegar, então meu foco vai para outro lugar, para ser mais exata: o prédio da frente.

Já perdi a noção de quantas vezes fiz isso. É a tanto tempo que eu já sei a rotina dele e é tão idiota sentir um amor platônico por alguém que não te disse nada além de bom dia nos últimos meses.

Eu queria que as coisas fossem diferentes e pelo jeito hoje é o dia de eu querer e sequer poder.

Não demora muito e ele sai do apartamento, está vestido daquele jeito bonito de sempre, com uma roupa simples, mas que dá para ver que é de qualidade. Os cabelos estão molhados e a forma como anda é tão segura de si, com ombros largos e toda aquela altura. Deve ser como abraçar uma muralha

quentinha.

Quando ele sai do condomínio, eu penso em ir para o computador e começar a escrever mais um capítulo do meu romance erótico no estilo rainhas do romance de banca, mas então sinto uma espécie de impulso.

Para que sonhar serve se a gente não se esforça para realizar?

Tudo bem, eu fui abandonada por minha melhor amiga e família, mas isso não quer dizer que eu tenha que ficar me lamentando, certo? Sem ninguém por perto, nada me impede de tentar a sorte com meu vizinho frustração. Será que vale a pena o esforço, ou eu devo apenas continuar imaginando e o usando como inspiração para meu personagem?

Capítulo 2

De: MariaAlice@englishschool.com.br

Data: 10 de dezembro 16:43:10

Para: Estelabarreto@advocaciacriminalista.com.br

Assunto: A chance da minha vida

Não adianta tentar me repreender e dizer que está com um cliente. Eu sei muito bem que você sempre arranja um tempinho para verificar o e-mail, Estela.

Mas deixa eu te contar o momento de epifania que tive enquanto observava o belo traseiro do Vincent dentro daquela calça apertada e pensava se a comissão de frente dele era de arrasar como a do personagem do meu livro inspirado nele e eu sei que você não aprova eu escrever histórias para um site quando sou professora de um bando de adolescentes com acesso total a internet e que poderiam muito bem descobrir que a @LizzieBennet301 é a professora deles que escreve livros eróticos inspirada no vizinho tentação. Eu também sei que você teme que alguém me veja lendo livros eróticos em público e que isso faça com que minha vida sexual real fique frustrada, mas nada disso é correto.

Minha vida sexual está frustrada porque eu quero ver o pau do Vincent e também porque meu último namorado, aquele idiota megalomaníaco de pau pequeno, terminou comigo porque eu engordei um pouquinho mais e ainda falou que se eu continuasse desse jeito iria aparecer nos quilos mortais e ele não queria ser o namorado legal que quase quebra a coluna para me colocar no carro. É, não estou exagerando, ele realmente disse isso depois que transamos naquele quarto de adolescente dele.

Eu não te falei porque você andava estressada e eu não queria

que saísse no braço com mais ninguém logo agora que está no emprego dos seus sonhos e indo a delegacia como se ela fosse a academia.

Por falar em academia, irei começar a malhar e não tem nada a ver com o babaca de pau pequeno, mas sim com meu novo plano. Lembra que eu citei que tive uma epifania como nos textos de Clarice Lispector?

Então, enquanto eu estava na minha observação diária, pensei: por que não tentar alguma coisa com meu amor unilateral de quase cinco anos? Eu já conheci caras escrotos o suficiente na vida para ter blindado meu coração e não sofrer se ele não for o cara legal da minha imaginação, mas sim um babaca.

Agora que meus pais não estão mais nem aí para mim, eu tenho a liberdade total de tentar sem que minha mãe banque o despertador no feriado e me impeça de continuar a sonhar.

E eu sei que já te disse que iria tentar antes, mas minhas tentativas eram sempre infantis e eu escrevia cartas para ele e imaginava que colocaria em sua caixa de correio, mas digamos que eu cresci um pouco mais agora e posso frequentar a mesma academia que ele, ficar com a bunda mais dura, emagrecer um tiquinho, porque mesmo me achando gostosa pra caralho, tenho que cuidar da saúde.

Se ele me ver malhando, pode me notar de verdade, poderemos ter um diálogo além do bom dia sem graça e eu, com o charme certo, fazê-lo me ver como uma mulher e não mais a garota de dezessete anos com quem já pegou o elevador.

O que acha, Estelita?

De: Estelabarreto@advocaciacriminalista.com.br

Data: 10 de dezembro 16:50:15

Para: MariaAlice@englishschool.com.br

Assunto: RES: A chance da minha vida

Você por um acaso contou quantas vezes citou “pau” em um único e-mail e sem a verdadeira intenção de falar de um pau de madeira, Maria Alice?

Por que a cada vez que você quer conquistar um cara, para de comer, ou banca a maluca e faz um plano de oito meses na academia e vai três dias?

Sério, eu já perdi a conta de quantas vezes você elaborou um plano doido para se aproximar do Vincent e bem na hora perdia a coragem, ou como você gosta de exemplificar: como um cara apressadinho que bem na hora de você gozar já está se virando para o lado com um sorriso satisfeito no rosto enquanto você fica chupando o dedo. Não que isso já tenha acontecido comigo.

Tudo bem que eu sei que está se sentindo solitária e que todos resolvemos viajar ao mesmo tempo, mas será que realmente vai dar certo esse teu outro momento de epifania?

Olha lá, hein, Maria Alice. Não quero que se machuque de novo e por conta de nunca conseguir fazer o Vincent te olhar. Você anda atrás dele como um cachorrinho faminto desde que tinha dezessete anos e por um motivo bizarro ele te deu um buquê de flores.

Já te disse antes e vou repetir: isso não teve relação alguma com destino, nem com a lenda oriental de que os deuses amarram um fio vermelho invisível nos tornozelos dos casais que estão destinados. Não foi naquele dia que seu fio e o do Vincent se cruzaram, garota!

Para de acreditar nessa lenda que a professora contou e que diz que não importa o tempo as pessoas destinadas ficam juntas porque o fio é inquebrável. Isso é bonitinho para os adolescentes e não para uma mulher da sua idade, bestona!

E outra coisa: nunca mais me esconda o que os caras ridículos com que sai aprontam, eu tenho o dever de chutar as bolas deles!

Eu realmente queria ser a amiga que incentiva o que planeja, mas eu acho que você deveria parar de usar aplicativos de relacionamento para conseguir sexo e também parar de sonhar com o Vincent. Ele não é o mocinho dos seus sonhos que lê Jane Austen e participa de um clube do livro. Esse mocinho existe e está no seu clube do livro do prédio, mas se chama Lorenzo e acho que é gay, não pela leitura, mas sim porque ele vive de olho no cara gay do 301, aquele que ama camisa polo com gola colorida.

Outra coisa: ainda terá o dia que irão descobrir que é você quem escreve histórias eróticas e que o famoso personagem Vicente que faz a cabeça da mulherada existe e mora no prédio em frente ao seu. Só espero que não seja o pessoal do seu trabalho.

Estela Barreto

Advogada

Escritório Barreto & Associados

De: MariaAlice@englishschool.com.br

Data: 10 de dezembro 16:55:17

Para: Estelabarreto@advocaciacriminalista.com.br

Assunto: RES: A chance da minha vida

Tarde demais, querida amiga pessimista

Acabei de me inscrever na academia do bairro e tenho uma pergunta a você: qual é a dos pontos de exclamação? Uma advogada não deveria ser mais contida com suas emoções? Está precisando de terapia, Estela. Acho que ainda tenho o telefone da terapeuta da minha mãe em algum lugar. O máximo que vai acontecer é você aprender a lei do desapego, igual a

minha mãe.

E Estela, não tem motivo algum para você tirar sarro da minha cara por eu acreditar na lenda do fio vermelho. Várias pessoas ao redor deste planeta acreditam e nem por isso são bestas. Isso é muito rude, ainda mais vindo de alguém que gosta de se vangloriar por ser uma advogada.

E todas as tentativas de aproximação com Vincent foram as formas que aprendi de não me aproximar de um homem. Tem coisas na vida que valem como experiência e não como motivo de chacota para amigas abandonadoras.

Agora me deixa ir porque eu quero arranjar uma roupa sexy para malhar. Sei que o Vincent vai aparecer na academia amanhã cedo e eu já quero estar esperando.

Deseje-me sorte!

De: MariaAlice@englishschool.com.br

Data: 11 de dezembro 08:13:16

Para: Estelabarreto@advocaciacriminalista.com.br

Assunto: Me leva para o hospital?

Amiga!!!!!!

A esteira me atacou. Estou com tanta dor na bunda que acho que não vou poder sentar até o final dos meus dias.

Paguei o mico da minha existência e quero chorar, mas estou envergonhada demais para isso.

Capítulo 3

Vincent Azevedo

— Quando você vai fazer minha alegria e me dar um neto, Vince?

Paro de limpar o balcão e olho para minha avó. Ela tem cerca de sessenta e cinco anos, mas parece ainda mais nova, com o rosto bem maquiado e os cabelos curtos penteados com esmero.

— Você sabe que eu não quero mais saber de casamento, Vó.

Ela suspira e pega o copo com água e gelo que coloquei a sua frente, tomando um pequeno gole e secando os lábios com o próprio guardanapo de linho em seguida.

— Quando você vai superar esse trauma, meu filhotinho?

Limpo o balcão com um pouco mais de força do que o necessário. Talvez eu ainda sinta tanta raiva que não queira superar o trauma e talvez um lado ruim de mim ainda deseje pagar na mesma moeda, mesmo sabendo que isso vai além de tudo o que eu sou. Acho que, por mais que não admita, um homem nunca esquece o primeiro coração partido, ainda mais em um momento onde minha vida estava fodida e eu só queria uma boia para não me deixar afundar.

Minha avó me olha mais uma vez e sei que está pensando nos acontecimentos daquela época que para ela também foi traumática porque perdeu o filho e a nora em uma tacada só, ficando somente com o neto que deveria ter segurado as pontas e não fugido para tentar aplacar a dor. Há cinco anos eu não sabia que a dor me seguiria ao redor do mundo porque estava impregnada em minha alma.

Raissa Arantes contribuiu para que essa dor triplicasse e eu tivesse que fugir para o outro lado da cidade na minha volta. Quando percebi que não importava onde eu estivesse, ainda assim estaria com a dor da perda no peito,

eu voltei e pedi para a única garota que amei na vida se casar comigo e ter uma vida diferente da planejada, mas Raissa amava a posição de presidente da empresa que eu herdaria e não o homem triste e que não queria nada daquilo.

— Eu sei que foi demais, meu menino — minha avó segura minha mão. — Mas se não pensa em casamento, então pense com carinho em assumir seu lugar de direito, Vince. Logo eu não poderei mais fazer isso e não quero deixar nas mãos da família da Raissa o império que seus pais batalharam tanto para construir.

Mesmo que eu a odeie com todas as minhas forças, o pai da Raissa ocupa a posição de vice-presidente da multinacional da minha família, responsável por linhas de roupas vendidas em vários países. Raissa tinha o sonho de ser uma das estilistas, mas depois que eu decidi que não queria ser presidente, ela simplesmente noivou com o diretor financeiro, como um cachorro que jamais larga o osso e o sonho da riqueza.

— Eu vou pensar, Vó — minto mais uma vez, sabendo que gosto de como minha vida está agora.

— Vou parar de te importunar — ela levanta e imediatamente o fiel mordomo lhe estende a mão.

É como uma dessas cenas de filmes com pessoas ricas, mas não acho que as pessoas do filme tenham sido constantemente vigiadas por um mordomo casca dura e língua solta que sabe mais da sua vida do que você mesmo.

— Volte sempre que quiser — falo e lhe dou um beijo no rosto.

— Pense com carinho, filhotinho — ela pisca e beija meu rosto também. — encontre uma boa mulher e volte para mim.

Assim que ela sai, eu me sinto tão sufocado que fecho o bar e vou para a academia. Minha avó sempre me visita cedo, mas quando sai parece que se passou um dia e não apenas uma hora. Eu me sinto sufocado pelo dever de que abdiquei e culpado por não querer nada do que é me oferecido.

Enquanto ando a curta distância até um dos meus refúgios, penso nos próximos anos. Sei que isso é um erro e que quando focamos no presente a vida se torna melhor, conheci lugares do mundo o suficiente para saber que o futuro é indefinido e o passado gravado em uma pedra, não dá para ser mudado. Eu sei que muitas pessoas não precisam sequer ir ao quintal para descobrir isso, mas eu precisei ficar longe de tudo que era conhecido para entender.

Entro na academia e antes mesmo de liberar minha entrada, Angelina, a recepcionista do traseiro empinado e sorriso marcante, pisca para mim de modo conspiratório e sutilmente olha em direção aos vestiários.

Com certeza deve se lembrar da semana anterior, quando fizemos um barulho daqueles no vestiário e eu a peguei por trás, me deliciando em sua bunda gostosa. Faço-me de desentendido com o olhar e sigo meu caminho. Não repito garotas, não me apego a garotas, não costumo perder meu tempo pensando em garotas.

Como dono de bar, conheci vários tipos de mulheres e tirando uma que sequer me lembro no dia da inauguração, não perco meu tempo pensando em algo que se eu levar a sério me dará dor de cabeça. Gosto do tipo de relacionamento adulto baseado em sexo de uma noite para aliviar o tédio e então cada um segue o seu caminho. Quando a primeira transa se torna a segunda, o encanto quebra porque as expectativas entram em ação e eu não quero ter expectativa e muito menos fazer a outra pessoa cultivá-la.

Vou para área de musculação e antes mesmo de colocar os fones, ouço um gritinho histérico seguido de um barulho e então o silêncio total. Até mesmo a música alta é interrompida.

Olho para a direção onde estão focados todos os olhares da academia e vejo uma moça caída no chão, as pernas em um ângulo esquisito. O pior é que os sons de riso começam a surgir, mas ninguém se mexe para tentar ajudar, ou até mesmo perguntar se ela está bem.

Fico parado mais alguns segundos e ouço os risinhos nada

discretos. Penso em como a moça deve estar se sentindo constrangida por ter caído da esteira daquela forma e resolvo ajudar porque se algo assim acontecesse comigo, eu iria querer que alguém não risse da minha cara e tentasse me ajudar.

— Você está bem? — questiono ao me aproximar dela, ajoelhando-me ao seu lado.

Ela para de olhar para a tela do celular; o rosto vermelho de vergonha, os lábios franzidos e os olhos azuis brilhando de lágrimas não vertidas se voltam em minha direção.

— Acho que perdi a dignidade que eu imaginei ter até a alguns minutos.

Algo em suas palavras me faz sorrir e eu tenho de olhar para baixo para que ela não pense que estou rindo da sua situação.

— Deixa eu te ajudar.

Seguro em seu cotovelo e a coloco em pé e quando a garota volta seus olhos em minha direção, tendo de inclinar a cabeça devido a sua baixa estatura, eu a reconheço.

— Alice? — falo o nome de que me lembro.

— Lembra de mim? — ela parece realmente surpresa e continua a olhar para meu rosto.

— A garota do prédio da frente.

Ela sorri e algo encantador acontece: duas covinhas surgem em seu rosto e eu me vejo sorrindo também.

Ela para de sorrir quando o burburinho fica maior e olha para o chão, dando um passo para trás.

— Você deve ter algo melhor para fazer do que me ver pagar o mico do século, certo? — questiona e eu percebo o rubor em suas bochechas aumentarem.

— Acidentes acontecem.

— Frase clichê para consolar perdedores no momento da derrota — Alice diz e sorri de uma forma fofa. — Obrigada por me ajudar, acho que deu de academia pra mim.

Ela se afasta, caminhando de um jeito estranho, e conforme a observo, lembro de uma situação a alguns anos com essa mesma garota e quando percebo já estou a seguindo, passando em frente a pessoas curiosas e que continuam a olhar para ela.

— Ei, Alice! — a chamo enquanto corro para alcançá-la.

Ela para de andar e me olha, colocando a mão na cintura.

— Tem certeza que não se machucou? — questiono mais uma vez, parando ao seu lado.

— Só a dignidade mesmo — murmura e começa a fazer círculos com a ponta do tênis no chão. — nunca mais volto naquele lugar. Maldito plano de oito meses.

Olho para ela mais atentamente, focando outros lugares além do seu rosto. Ela é cheia de curvas, com traseiro e quadris volumosos e a barriga avantajada, além de seios grandes e que chamam a atenção.

— Achei que precisasse se exercitar — comento, tentando não olhar para a curva de seus seios que aparece através da camiseta decotada.

— Eu sei que caras malhados como você veem garotas gordas como eu e pensam no desespero para emagrecer, mas eu me acho gostosa assim e quis me exercitar apenas por saúde, mas depois do mico de hoje, o único exercício que vou fazer é o de ir até o fogão preparar macarrão instantâneo.

Tento não parecer tão horrorizado como me sinto. Não me surpreendo com a autoestima elevada porque ela realmente é gostosa, apesar de ser jovem demais para eu achar isso, o problema é não se exercitar e comer macarrão instantâneo.

— Macarrão instantâneo é sódio puro, Alice. Pensei que queria ser saudável.

— Esse querer acabou, Vincent. Depois do mico de hoje nem vou andar por aquelas bandas. Acho até que serei uma estrela do Youtube antes do final do dia. Certeza que alguém filmou o mico do século e irão colocar um título ridículo no vídeo como: gorda burra tentando ser sarada.

Ela volta a andar, toda torta e com as mãos nas costas, e eu que sempre tive um fraco por pessoas machucadas e que precisam de ajuda, não consigo não fazer nada e quando me vejo estou indo atrás dela novamente.

— E se eu te ajudar a se exercitar?

Ela para de andar e me olha, os olhos arregalados.

— Pensei que fosse dono de bar.

— Também sou formado em educação física.

— Isso significa que eu terei que voltar para aquela academia onde perdi a dignidade?

— Seu prédio tem academia — a lembro, porque meu próprio prédio também tem, apesar de eu não usar por conta das senhoras que querem sempre me apresentar para alguém.

— Por que, de repente, quer me ajudar? Está com medo que eu morra por excesso de macarrão instantâneo?

— Quase isso e também porque a conheço a tempo o suficiente para querer ajudá-la a ter uma vida saudável.

— Você lembra? — ela questiona, os olhos arregalados e brilhantes.

— Do quê? — começo a coçar a nuca. — Daquele buquê de flores que te dei quando me mudei e você estava no ensino médio?

O sorriso some de seu rosto e ela parece quase decepcionada.

— É — confirma de um modo esquisito. — minhas primeiras flores.

Penso em falar que elas eram meio amaldiçoadas, mas permaneço em silêncio.

— Aceito sua ajuda — Alice diz por fim. — Vai ser bom para eu mostrar para meu ex-namorado que não vou morrer de obesidade antes dos trinta.

— Ele falou isso?

— Eu só conheço caras babacas, mas obrigada, Vincent.

— Te encontro as sete na academia do seu prédio?

— Claro.

Ela sorri e então se afasta e eu fico parado a olhando, pensando nas flores amaldiçoadas e em algo que eu com certeza sei que é uma lembrança errada de um cara bêbado.

Capítulo 4

Maria Alice

Minha cara está prestes a ser arranhada por uma gata rabugenta, minha bunda está doendo pra caralho, minha melhor amiga está em meu sofá se afinando de tanto rir enquanto balança um envelope de emplastros para dor, mas mesmo assim eu continuo sorrindo a ponto do meu rosto quase se partir em dois.

É o meu fio vermelho e o do Vincent que se cruzaram novamente. Não há resposta que não o destino para o que aconteceu hoje. Tudo parece conspirar para que as coisas deem certo dessa vez.

Eu posso ter perdido a dignidade, mas só de ouvir o *Alice* saindo daquela boca, o som rouco da voz dele ao pronunciar meu nome...

— Para de sonhar, Maria Alice! — Estela me repreende e tira a gata dos meus braços. — Eu sei que tem motivo para estar feliz, mas já pensou em como vai malhar dolorida desse jeito?

— Eu aguento.

— Quando se trata de Vincent, parece que você nunca cresce, ou desiste — ela resmunga de uma forma rabugenta.

— Estela, você está prestes a ir viajar com Guilherme, assim como todos, que mal tem em eu tentar de novo?

— Eu não vou estar aqui para te consolar dessa vez. Eu lembro muito bem da noite da inauguração do bar em que você insistiu para irmos e ele a ignorou completamente, te fazendo chorar depois e se entupir de sorvete de flocos, acho até que foi depois disso que você começou a deixar sua cama ser frequentada por babacas.

— Vincent não pode ser responsabilizado pelo que eu sinto, ele não fez eu me apaixonar de propósito.

— Ah, e aquelas flores fizeram o que mesmo? — ela arqueia uma sobrancelha, me lançando um olhar arrogante.

— Eu ainda tenho as pétalas daquele buquê.

Estela levanta do sofá e se aproxima de mim, me segurando pelos ombros.

— Quero que me prometa uma coisa.

— O quê?

— Que essa será sua última tentativa. Se não der certo, então você vai parar de escrever sobre ele e vai encontrar um amor de verdade. Já faz cinco anos, Allie.

Estela é minha amiga desde o pré-escolar e ela só me chama de Allie quando a situação é séria, porque no dia a dia é a doida da Maria Alice.

— Eu prometo.

— Devemos registrar isso de alguma forma, ou eu posso confiar na sua palavra?

Respiro fundo e penso mais uma vez no estranho destino que me uniu a Vincent e na confiança inabalável que tenho de que um dia iremos continuar o que já foi começado.

— Pode confiar em mim.

Estela me avalia mais uma vez e eu sorrio para lhe assegurar de que estou falando mesmo a verdade. Minha amiga não confia nesse destino, mas ela sequer sabe que aconteceu mais coisas do que imagina.



Em certos momentos é difícil entenderem a minha insistência em ter Vincent.

Minha mãe nunca aceitou o fato de eu ser apaixonada pelo vizinho mais velho e dono de um bar, coisa que na visão dela não condiz com

a minha personalidade.

Estela acha que eu deveria partir para outra e meu pai, este não consegue ver nada além de números.

Mas eu não quero desistir porque ele foi a melhor coisa que já me aconteceu, mesmo que sequer tenha noção disso. Quando ele me entregou aquele buquê de flores, eu estava tendo o pior dia da minha vida.

Havia sido humilhada na escola por ser gorda, jogaram molho em mim e um garoto ressaltou o quanto era nojento me ver correr na educação física e então, enquanto eu me arrastava para casa, querendo me enfiar em um buraco, o encontrei no portão.

Ele parecia tão perdido quanto eu, os olhos esverdeados vermelhos e inchados.

— Toma, você também parece estar tendo um péssimo dia — disse e me entregou o ramalhete com várias tonalidades de rosas de diversos tamanhos. — Pelo menos alguma dessas flores deve ser a sua favorita, moça.

Foi o ato mais gentil que já fizeram por mim e não consegui evitar as lágrimas. Sabia que estava sendo ridícula, toda suja em um uniforme horrível, meu cheiro com certeza não estava muito bom também, mas quando você encontra gentileza em meio a tanta maldade, não existe forma de segurar o que fica preso no peito.

— Seja lá o que tenha a feito chorar assim — ele falou e então tirou um lenço do bolso interno do paletó. — Tenha a certeza que vai passar.

E então Vincent fez um gesto que sempre vai ficar em minha memória por ter se tornado uma doce lembrança: ele secou minhas lágrimas com delicadeza, como se eu fosse importante, melhor do que o pedaço de lixo que me fizeram pensar ser mais cedo.

— Seus olhos parecem dois pedacinhos do céu em um dia bom — comentou e eu notei que os olhos dele também brilharam com lágrimas. — parece um erro chorar e deixá-los nublado.

— Mas você também está chorando — comentei, segurando as flores contra o peito. — A dona dessas flores deve tê-lo deixado triste.

— Tristeza vem e passa, moça. A gente chora hoje, mas amanhã sorri como se a vida fosse incrível de novo.

— Eu realmente espero que você sorria.

— Quando eu descobrir como fazer isso de novo, então será a primeira a saber.

E é por isso que eu continuo insistindo. Quero ser a primeira a saber se ele reencontrou a vontade de sorrir.



Minhas costas doem conforme ando em direção a academia e por um milésimo de segundo cogito aceitar a sugestão de Estela e ir ao hospital para ver se tudo está bem, mas desisto da ideia e continuo andando para meu destino. Não importa que eu esteja com dor, o que importa é que estarei com ele.

E eu o vejo antes mesmo de chegar a porta. Vincent está usando uma calça de moletom e uma camiseta sem mangas de aparência velha. Os cabelos, sempre bem penteados, estão revoltos e ele dá um sorriso de canto assim que me vê, ainda não é aquele tipo de sorriso da promessa, mas ainda assim faz meu coração acelerar.

— Está atrasada — ele fala de um modo zombeteiro, sua voz rouca me causando arrepios e me fazendo imaginar coisas bem impróprias.

— Dois minutos.

Vincent cruza os braços e estreita os olhos em minha direção. Nunca consigo definir a cor exata deles. Algumas vezes são esverdeados e em outras quase posso acreditar que são azulados. Sua barba está por fazer e eu começo a imaginar como seria a sensação de ter o rosto dele entre minhas pernas, sua barba pinicando a pele sensível de minhas coxas. Nossa, faz tanto tempo que eu não sei o que é receber um bom sexo oral.

— Eu sou muito rígido com disciplina, Alice, então chegue no horário e... Por que está sorrindo desse jeito?

— Gosto quando me chama de Alice.

Quase dou um tapa em minha própria boca assim que pronuncio estas palavras.

— Não é o seu nome? — ele começa a coçar a nuca, parecendo confuso.

— A maioria das pessoas me chama de Maria Alice.

Vincent arregala os olhos e não consigo entender seu espanto, mas em seguida ele faz um gesto, indicando a academia, e então entramos e eu já sinto as costas doerem só de imaginar. Algumas pessoas são alérgicas a lactose, eu sou a malhação.

— Vamos começar pelo alongamento — ele fala quando nos posicionamos no fundo da academia, vazia apesar de ser início de noite.

Enquanto eu o imito para me alongar, penso na facilidade com que estou repetindo os movimentos, mas então Vincent manda eu ficar quinze minutos na bicicleta ergométrica e depois quinze na esteira.

Quando minha bunda encosta na bicicleta, eu sinto dor e tenho de trincar os dentes para não gemer. Apesar dele ter regulado, cada pedalada que dou faz minhas pernas doerem em protesto e eu só consigo olhar fixamente para o relógio, desejando que o tempo passe rápido.

Passo para a esteira e apesar de Vincent ter falado que eu controlo o ritmo, sinto que estou pisando em minha inimiga e não ousa aumentar a velocidade que ele impôs, até mesmo porque estou morta de cansaço, doida para sair correndo da academia e nunca mais voltar. Duas vezes em um mesmo dia é um recorde.

Eu achei que não podia piorar, mas então passamos ao exercício em que eu tenho que me apoiar em uma bola de pilates, encostada na parede, e então me abaixar.

— Eu não aguento mais — confesso isso de forma vergonhosa a ele, que está sentado na minha frente com as pernas cruzadas embaixo de si.

— Claro que aguenta. Força de vontade, Alice.

— Não tenho e eu já não te falei que me acho gostosa pra caralho assim?

Vincent arqueia as sobrancelhas e me olha mais atentamente.

— Você é realmente gostosa, Alice, mas para mim uma mulher é verdadeiramente sexy quando saudável.

A bola escapa das minhas costas e eu caio de bunda no chão, parecendo uma pata devido ao choque das palavras que ele teve a audácia de pronunciar. Eu sou conhecida por não ter papas na língua, mas Vincent tem a capacidade de me deixar sem fala.

— Você acha que por que sou gorda não sou saudável? — questiono na tentativa de não demonstrar o quanto estou afetada.

— Não, você não está saudável porque não se exercita e come corretamente. Macarrão instantâneo, Alice?

— É a única coisa que eu sei cozinhar — justifico.

— Comidas saudáveis são mais fáceis e baratas, Alice.

— Por que fica falando Alice sem parar, Vincent?

— Eu gosto do seu nome — responde e balança os ombros. — E vai ter que me prometer algo se quiser continuar recebendo a minha ajuda.

— Fala aí.

— Comer de modo adequado. Não estou falando para deixar de comer o que gosta, apenas para que tente comer algo saudável, sequer sou nutricionista para falar sobre sua alimentação, mas gostaria que pensasse no seu futuro. Você realmente é linda, mas para continuar assim terá que se cuidar um pouco mais.

Sabe aqueles personagens de desenho animados que ficam com corações saltando dos olhos? Estou igual a eles.

— Vou tentar, mas com uma condição.

Por esse homem, eu comeria manjerição e alecrim o dia todo.

— O que você quer, Alice?

Se Vincent falar meu nome assim mais uma vez, irei pular em cima dele, arrancar sua roupa e lamber cada pedacinho do seu corpo delicioso até que só seja capaz de murmurar meu nome com essa voz gostosa.

— Podemos encerrar por hoje?

Ou então eu vou mesmo te atacar e colocar tudo a perder por estar com mais tesão do que achava ser possível com essa distância entre nós.

— Hoje vou te dar essa chance, mas amanhã não vou pegar leve.

— Pode fazer o que quiser comigo.

Ele arregala os olhos e só então eu percebo a ambiguidade do que acabo de falar, mas tudo bem, eu realmente quero que ele faça o que quiser comigo, principalmente se envolver nós dois sem roupas.

— Não conhecia essa sua boca atrevida — ele diz e se levanta, me estendendo a mão.

— Acho que você não sabe muito de mim, Vincent.

Ele me puxa e eu olho para seu rosto, minha cabeça alcança seu queixo.

— Você está flertando comigo, garota?

— E se eu estiver? — dou um passo à frente.

— Então talvez tenha que parar — ele me olha de um modo zombeteiro. — Eu gosto da conquista, mas depois que consigo o que eu quero, perde a graça.

— E se eu também só querer até perder a graça?

— Esse é um jogo perigoso, Alice — ele dá um passo para trás.
— Não vamos misturar as coisas. Amanhã nesse horário, eu te encontro aqui.
Guarde sua língua atrevida, garota linda.

Vincent dá um peteleco em minha testa e se afasta e eu sento novamente no chão, sentindo os olhos lacrimejarem. Eu o quero a ponto de chorar de alegria por um simples jogo de palavras.

Capítulo 5

Vincent Azevedo

É um jogo perigoso e, talvez por isso, empolgante.

Não sei se seria exagero eu dizer que já conheci uma mulher como Alice, a parte do mulher provavelmente seja porque ela é alguns anos mais nova do que eu, apesar de ter a autoestima que muitas que passaram por minha cama precisam urgentemente.

É quase impossível você encontrar uma garota que bata no peito e fale o quanto gosta de si mesma, ainda mais quando essa garota está acima do peso.

Não vejo nada de errado com o corpo ou jeito de Alice, eu tive que fazer um esforço hercúleo para não ficar olhando para suas curvas enquanto se exercitava, ou seguir com o dedo a gota de suor que escorreu do seu pescoço e se perdeu em meio aos seios fartos e que em vários momentos me fizeram salivar de vontade de simplesmente arrancar sua camiseta e chupá-los até que estivessem intumescidos.

Para piorar, além da boca afiada, ela tem lábios fartos em formato de coração e suculentos como um morango e eu não pude evitar pensar em como seria saboreá-los. Se fosse qualquer outra garota, eu teria a comido ali mesmo, mas é Alice e eu sou seu vizinho e ela tem uma ingenuidade no meio daqueles olhos azuis que me faria sentir um lixo se a fizesse chorar.

E eu sempre abandono as mulheres que passam por minha vida. É como se eu começasse a ficar com alergia se elas continuassem por tempo demais e como vou evitar alguém a quem eu me propus a ajudar e que mora no prédio da frente?

Claro que meu pau não entende isso porque eu tive que sair da academia antes que ela visse o quanto eu estava excitado com toda aquela

conversa, ainda mais porque ela tinha que erguer a cabeça para me ver e isso me deixava livre para olhar seus peitos deliciosos.

Quando você pensa que não pode ficar mais fodido em um único dia, sua avó vem te visitar com o pedido de sempre e a garota do prédio da frente te faz ficar duro apenas empinando a bunda em uma bicicleta. Boa, Vincent.



Eu realmente amo meu bar.

Começar do nada e fazer sucesso foi um desafio e tanto, principalmente porque eu não quis usar o dinheiro que meus pais me deixaram. Se eu não estava seguindo o futuro que traçaram para mim, então não tinha o porquê decepcioná-los e ainda gastar dinheiro caso viesse a fracassar.

Aconteceu o oposto. Agora estou prestes a abrir um segundo bar na cidade e estou ganhando bem o suficiente para ficar satisfeito. Ainda fico receoso quanto a herança que tenho e ao meu futuro caso venha a aceitar ser presidente, mas vou esperar o momento certo de assumir o que é meu.

— Que cara é essa de quem comeu e não gostou? — pergunta Jaime quando me vê limpando o balcão pela terceira vez seguida, mesmo que esse não seja meu trabalho.

— Eu nem comi — resmungo mais para eu mesmo do que para ele.

— Qual é a gordinha da vez?

Ah, sim, o babaca do meu melhor amigo acha que eu tenho fetiche em garotas curvilíneas desde a inauguração do bar, há quatro anos, quando eu transei com uma garota. O fato é que a única coisa de que me lembro dessa garota são os cabelos cheios de cachos e as generosas curvas. Eu estava bêbado a ponto de esquecer.

Por um tempo eu procurei aquela mulher, mas foi esforço em vão e ainda motivo para ele ficar me zoando, não por meu gosto, mas sim por eu ser tolo o suficiente para esquecer, sendo que sempre me gabei de saber de cor as garotas com quem fui para a cama, naquele caso: o sofá do escritório do bar.

— Maria Alice — respondo por fim. — Minha vizinha que eu estou ajudando a se exercitar.

— Por que não partiu para o seu tipo favorito de exercício favorito então?

— Ela é mais nova do que eu, ingênua e eu me odiaria se eu a fizesse chorar.

Jaime para de rasgar pedaços do guardanapo e me olha, arqueando as sobrancelhas. Ele não é o tipo de cara que tem moral para questionar minhas ações. Foi para a cama com uma escritora que viajou e agora fica esperando que ela volte. O grande detalhe é que ele sequer tem o número do telefone dela. Grande tolo.

— Você nunca se importou com a idade, Vincent — ele observa. — Claro, desde que a garota tivesse mais de dezoito anos. Por que toda essa proteção agora?

Lembro da Alice que conheci no pior dia da minha vida, de seus olhos azuis cheio de lágrimas e da maneira como ficou agradecida por eu ter lhe dado as flores que eram para outra garota.

— Eu não gosto de me apegar a alguém e Alice é justamente o tipo de mulher que pode querer isso e eu me importo com ela o suficiente para não ser um babaca.

Jaime balança a cabeça e volta a rasgar pedaços do guardanapo, seu novo passatempo enquanto espera por uma tal de Lola. Todas as noites ele vem ao bar e faz o mesmo ritual e só sai depois que me ajuda a fechar tudo.

— Vai voltar amanhã, não é? — pergunto a ele depois que eu

termino de trancar a porta.

— Ela vai voltar, Vincent.

E então se despede de mim com um tapinha no ombro. Esse é um exemplo dele que eu não quero seguir. Uma Raissa já foi o suficiente para mais de uma vida.



Eu achei que um pouco da minha atração havia sido resultado do impacto inicial porque, para ser sincero, eu nunca havia olhado Alice como uma mulher. Na minha cabeça ela ainda era a garota de uniforme escolar e jeito contido, mas quando ela abriu a boca e me mostrou quem realmente era, isso mexeu comigo. Foi como ver uma flor desabrochar depois de achar que seria sempre um brotinho.

Só que estou errado, não foi apenas o impacto inicial, mas sim tudo o que ela é. A forma como sorri e fica sexy com aquelas covinhas aparecendo e os olhos brilhantes, sem falar no jeito como seus lábios fartos formam um biquinho enquanto se esforça para fazer o exercício. Tenho que me controlar para não ficar a olhando fixamente e, para continuar sendo sincero, não tenho muito autocontrole. Minha cabeça diz que é errado, mas meu pau continua ficando duro.

— É enquanto eu faço essa porra de abdominal que eu penso que essa ideia idiota de exercícios é uma furada.

Olho para Alice e a vejo secar o rosto suado com as costas da mão, seus lábios, aquela tentação em forma de coração, franzidos em um biquinho. Ela deita em cima do colchonete e seus cabelos se soltam do coque e se espalham ao seu redor. Alice está tão linda desse jeito que eu quase quero tirar uma foto para lembrar.

— Depois você se acostuma com os exercícios — falo de um modo distraído, ainda hipnotizado por essa moleca.

Tudo nela é delicado e sexy pra caralho.

E enquanto Alice está deitada desse jeito, eu imagino meu pau entre seus seios suculentos e deixo a imaginação ir um pouco mais longe, ela segurando os peitos com as duas mãos, meu pau deliciosamente preso entre eles.

Sacudo a cabeça, sentindo minha ereção pressionar a calça. Droga! Pareço mesmo um adolescente cheio de hormônios, louco de tesão pela vizinha.

Quando eu acho que não pode piorar, Alice levanta e para na minha frente e olhá-la desse ângulo é mais tentador do que antes.

— Você está distraído hoje — diz e senta ao meu lado. — Tudo bem?

Olho para ela e noto como seus olhos são claros. Os cabelos dourados, na altura dos ombros, estão bagunçados e a regata que usa colada ao corpo, me deixa ver cada ângulo.

Para mim a conquista sempre foi um jogo delicioso. Eu vejo a mulher, a conquisto com a verdade, sem criar expectativa alguma para nenhum dos dois, e então terminamos com um sexo delicioso e onde eu garanto orgasmos arrebatadores. Não sou convencido, mas sempre coloco o prazer da minha parceria em questão.

Agora não é esse o caso. Eu quero essa mulher, mas não posso ser um cafajeste em relação a sexo casual.

Jaime não entende esse meu senso de proteção, mas a primeira coisa que eu vi sobre ela foram os olhos cheio de lágrimas e não quero ver isso de novo caso não venha a entender meu estilo de vida. Alice parece mais inocente do que sua boca atrevida mostra.

Capítulo 6

Maria Alice

É uma tortura deliciosa.

Meu corpo inteiro dói de uma forma que me faz acreditar que fui atropelada por um caminhão, mas ainda assim persisto com os exercícios. Vincent é uma tentação melhor vista tão de perto.

Estela acha que esse meu progresso não vai dar em nada, mas eu consigo perceber a forma como ele me olha. Vincent me deseja tanto quanto eu o desejo, mas não sei como dar o próximo passo.

Temo assustá-lo ao tomar a iniciativa, mas não está sendo fácil esperar que ele a tome. O desejo está ali em seus olhos esverdeados, mas algo faz com que pare. Será que é porque não sou magra como uma modelo? Já o vi com garotas lindas ao lado andando pelo condomínio. Talvez ele seja o tipo de cara que não é capaz de andar ao lado de uma garota gorda.

A maioria dos caras com quem sai nunca quiseram andar de mãos dadas comigo. Eu sou o tipo de garota que serve para fetiche e não para mostrar ao mundo. Acho que demorei tanto tempo para investir em Vincent porque quando meus relacionamentos davam errado, eu me refugiava no sonho de que com ele daria certo, mas o que vou fazer se Vincent for tão babaca quanto os outros? Acho que dessa vez não conseguirei me refugiar nas histórias que eu escrevo e onde o imagino como o personagem principal.

E se essa preocupação com minha alimentação e ajuda com os exercícios for também uma forma de mostrar que eu fico melhor magra? Droga! Eu odeio me sentir insegura assim em relação a alguém e questionar se eu sou boa o suficiente.

— Ei, o que foi? — ele toca em meu pulso, chamando minha atenção. — Está com dor em algum lugar?

— Eu estava pensando no tipo de homem que você é — sou direta na resposta porque nunca fui boa, ou gostei, de fazer joguinhos. — E se está me ajudando por achar que eu fico melhor magra e não como sou e... se também faz parte dos tipos de homens que me usaram como fetiche, mas que nunca quiseram andar de mãos dadas comigo no dia seguinte.

Vincent me olha de forma inexpressiva por um momento e então morde o lábio, parecendo ponderar.

— Eu não sou o tipo de homem que anda de mãos dadas — responde, sua voz rouca. — E isso não é por você, mas porque eu apenas tenho casos de uma noite e quanto à eu te ajudar, é simplesmente porque eu tenho uma queda por pessoas que precisam de ajuda. Eu não mudaria nada em você, Alice. Desde ontem eu estou me controlando muito para não fazer uma besteira e me arrepender depois e isso também é por você. Pode imaginar que é um exagero quando mal conversamos, mas eu te conheço a tempo o suficiente para não querer te magoar com meu jeito de levar a vida.

Talvez ele realmente seja como um dos mocinhos dos livros e eu não tenha passado tanto tempo amando uma versão dele que criei.

— Talvez você só tenha conhecido babacas, Alice — continua e se aproxima um pouco mais. — Eu não quero ser mais um deles, mesmo que esteja louco de tesão por você.

— Estou na mesma situação, principalmente porque você vive aparecendo de cueca na sacada e me deixando a ponto de bala.

Vincent arregala os olhos e em seguida sorri de modo travesso.

— Talvez isso seja para sentir um pouquinho do que estou sentindo.

— Mas já faz muito tempo que eu estou assim.

Mais uma vez opto pela verdade e pelo modo como ele sorri, sei que apreciou minha sinceridade.

— Não sei o que faço com você, garota — ele toca em meu

queixo. — Te olhando assim parece uma bonequinha, mas quando abre a boca é tão atrevida que eu quase perco o autocontrole.

— Eu não sou uma bonequinha, Vincent — respondo e ele se aproxima tanto que nossas respirações se misturam.

Ele coloca a mão atrás do meu pescoço e por um segundo penso em me afastar devido ao suor que deve estar acumulado ali, mas o calor da pele dele passando para a minha é algo incrível e que faz meu coração acelerar.

— Beije-me, Vincent — peço, sequer me importando com a fragilidade passada em minha voz.

Eu sempre mantive meu contato com outros homens sem expectativas e sem promessas. Não podia pedir a eles o que não estava disposta a oferecer. Amor foi uma dessas coisas. Meu coração sempre pertenceu a ele. Cada pedaço de mim o ama desesperadamente e agora me mantenho nos segundos da expectativa que precede o beijo, milésimos carregados com a incerteza.

Posso ver nos olhos dele o quanto está hesitante e eu continuo atenta a cada pequena movimentação sua, assimilando os detalhes para que, se este beijo não acontecer, eu possa ao menos reviver a expectativa nos momentos em que, por pouco tempo, deixo de acreditar no destino que nos uniu.

Ainda é difícil acreditar que estou vivendo um momento que fantasiei tantas vezes antes de dormir e que também já descrevi nas muitas histórias que escrevi quando a vida real se tornava difícil.

Eu não sei muita coisa sobre este homem, seu signo, tipo sanguíneo ou sequer desconfio das mentiras que já contou, muito menos sobre seu primeiro amor, aquela pessoa que roubou seu sorriso, mas mesmo que não saiba quase nada, o amo como se soubesse de tudo.

— Eu sou o tipo de homem que gosta muito de beijar — Vincent

confessa.

— E eu sou o tipo de mulher que gosta de ser beijada.

Vincent sorri, aquele tipo de sorriso que enrugava o canto de seus olhos esverdeados, e eu sinto meu coração acelerar de um jeito que parece querer saltar do peito e é em meio a esse turbilhão de sentimentos que, ainda sorrindo, ele finalmente me beija e no momento em que os lábios dele tocam os meus, eu me sinto em um refúgio. Não é uma expressão lógica porque até esse instante beijos eram apenas beijos, mas agora parece uma conexão de almas.

A princípio é apenas um leve toque, o calor que emana dele passando para mim, me fazendo hesitar, como se eu ainda fosse aquela garota de dezoito anos que não sabe corresponder ao beijo de forma correta. Eu o deixo no controle e entreabro os lábios, esperando pacientemente o próximo passo.

Minhas mãos estão paradas ao lado de meu corpo e eu não me mexo um milímetro sequer, temendo que qualquer movimento errado o faça se afastar.

Abro os olhos e eu encontro Vincent me olhando. Nossos lábios ainda se tocam, assim como nossos olhos se prendem, criando uma conexão que eu sei que não terei com nenhuma outra pessoa.

Lentamente, ele estende a mão e toca meu rosto com a ponta dos dedos, deixando minha pele arrepiada. Fecho os olhos e então ele movimenta os lábios, sua língua finalmente tocando a minha, fazendo uma onda de calor percorrer meu corpo ao mesmo tempo em que sua mão para em minha nuca e ele puxa meus cabelos de leve.

Após tempos de saudade, finalmente sinto o gosto dele: hortelã.

Sinto seu cheiro: um perfume forte e masculino que em contato com sua pele produz um cheiro amadeirado com um leve toque de cravo.

Este é um beijo que eu queria que durasse para sempre, porém

mais uma vez acaba rápido demais.

Com um último carinho em meu rosto, ele se afasta e eu não sei se vai voltar. Não olha para mim nenhuma vez por sobre o ombro, mas ainda tenho a certeza de que meu coração é tão dele que sinto não haver mais volta.

Capítulo 7

Vincent Azevedo

Eu acho que em toda a minha vida, nunca havia beijado alguém dessa forma, sequer sei descrever tudo o que senti com a simplicidade do que aconteceu. Nunca beijei alguém e isso não acabou em sexo.

Não menti quando disse que gostava de beijar, mas omiti o fato de que para mim os beijos tem a função de uma preliminar. Só que agora, enquanto volto para a segurança do meu prédio, sinto meu coração bater de uma forma estranha.

Coloco a mão em cima do peito, sentindo o ritmo desenfreado do coração que eu jurava estar congelado. Droga! Se um beijo me deixou assim, imagina se acontecesse algo mais?

Com que cara eu irei olhar para a moleca atrevida amanhã depois do que deixei acontecer hoje?

Entro em meu apartamento e vou direto para o banheiro, onde ligo o chuveiro no modo frio. Além do coração disparado, estou tão excitado que parece que minhas bolas estão prestes a explodir.

É como se de repente tivesse uma granada sem pino no meio da minha sala. Não há outra forma de explicar o que Alice me causou nos últimos dois dias.



Quatro anos antes...

Faltavam poucos dias para a inauguração do Arena e eu andava uma pilha de nervos, mesmo sabendo que havia dado o melhor de mim para que nenhum detalhe passasse despercebido.

Perdi as contas dos inúmeros bares a que fui para conseguir criar

o estilo do meu: um lugar despojado com tudo o que os jovens gostam e próximo a maior universidade da cidade.

O resultado de tanto investimento foi eu ter que vender meu próprio carro para que pudesse contratar funcionários e ter dinheiro em caixa. O próximo ano seria decisivo. Muitos negócios fecham antes mesmo de completarem seis meses. A estimativa para o meu é de doze. Darei tudo de mim para que dê certo, mesmo que minha avó ache uma loucura e Raissa ainda tenha a cara de pau de me procurar para que eu desista de meu empreendimento para ficar junto dela e de uma empresa que nunca tive interesse em assumir.

Saio do prédio em direção a ciclovía e então a vejo correndo apressada pela calçada, os braços carregados de livros e a alça da mochila pendurada só em um ombro. É Alice, a garota que mora no prédio da frente, uma das poucas pessoas da vizinhança com quem converso, quando não estou ocupado demais tentando multiplicar o dinheiro.

— Oi — falo e a acompanho com facilidade, pedalando mais devagar. — Onde vai apressada desse jeito?

Ela me olha e sorri, suas bochechas ficando coradas.

— Para a faculdade — responde e ajeita os cadernos em um braço, colocando o cabelo atrás da orelha com a mão livre. — Estou um pouco atrasada e o professor da primeira aula é meio maluco.

Subitamente lembro-me de quando eu mesmo estava na faculdade, cursando duas ao mesmo tempo. De manhã ciências contábeis e a tarde, duas vezes na semana, educação física. Foi a maior loucura da minha vida, mas eu queria ter mais opções do que haviam me dado.

— Quer uma carona? — pergunto, já estendendo o braço para segurar seus cadernos.

Alice parece hesitar, mas então me olha e sorri, os olhos azuis parecem mais bonitos hoje, enigmáticos. Quando ela se aproxima, percebo

que dentro do azul de suas íris tem pequenos pontinhos dourados.

— Tem como mesmo? — ela parece indecisa.

— Claro.

Dou-lhe espaço e ela senta no varão da bicicleta. Entrego seus cadernos e passo o braço por trás de suas costas, segurando o guidão.

— Tudo certo?

— Sim — ela balança a cabeça e sinto seu perfume, algo delicado e doce.

— Vendi meu carro — explico quando começo a pedalar. — Seria uma carona muito melhor.

Ela ri e eu sinto suas costas vibrarem, além do vento fazer seus cabelos tocarem meu nariz. O perfume deles é parecido com lavanda, diferente do de sua pele.

— Estou gostando dessa carona — ela diz baixinho.

— Que bom e o que está cursando?

— Letras.

— É uma daquelas garotas apaixonadas por livros?

— Acho que estou mais para uma garota que gostar de sonhar.

— Então quer ser escritora?

— Não acho que tenha talento para isso. Talvez eu vire professora de inglês.

— Você disse que gostava de sonhar, não é isso o que os escritores fazem?

Alice olha para meu rosto, parecendo surpreendida, e por um momento eu quase me esqueço da direção que vou.

— Talvez tenha razão.

Balanço a cabeça e tento prestar atenção na rua. Eu não deveria ficar tão surpreso com essa garota. Ela deve ter o que, dezoito anos? Chave de cadeia total, mas ainda assim é tão bonita que parece uma flor delicada. É bom olhar para ela.

— Chegamos — falo parando em frente aos portões da universidade.

Ela desce da bicicleta e para ao meu lado.

— Obrigada — diz e se aproxima, beijando minha bochecha, me deixando tão surpreso que eu sei que minha expressão não deve ser das melhores.

— Seu... Seu namorado pode não gostar disso — murmuro.

— Eu não tenho um. Até um dia, Vincent.

Ela entra na faculdade e por um momento continuo a olhando, observando seu all star branco, o cabelo enrolado e o jeans velho. Ela ainda é uma garota universitária. Tem tantas babacas para conhecer e eu não posso e sequer devo ser um deles, por mais bonita e gentil que ela pareça. Alice é tão jovem que perto dela eu sinto como se já tivesse vivido demais.



Já faz dois dias que nos beijamos e eu não apareci mais na academia, sei que essa atitude me torna uma besta covarde, mas não sei como não ser uma em relação a isso. Queria dizer que foi só um beijo sem importância, mas ele mexeu comigo, me trouxe lembranças e a sensação que já evitei antes.

Ela ainda é alguém do outro lado da rua, mas que eu nunca me permiti conhecer por saber o quão inadequado sou, só que agora teve um beijo e eu, apesar de querer, não sou o tipo de homem que não deixa as coisas em pratos limpos.

É por isso que eu visto uma roupa qualquer e saio do meu apartamento e vou em direção ao prédio dela. Posso indicar alguém para

ajudá-la com os exercícios se quiser continuar, mas talvez estar próximo não seja bom, não quando eu sequer consigo controlar meus desejos.

Entro no prédio e peço ao porteiro para me informar o andar dela. A contragosto o homem mal-humorado me diz e eu vou pelas escadas, sem muita paciência para esperar o elevador.

Subo três lances, entro em um corredor e paro em frente a porta com o número vinte e seis entalhado. Hesito um pouco antes de tocar a campainha, pensando exatamente o que vou falar para Alice.

Toco a primeira vez e espero alguns instantes, como não obtenho resposta, insisto novamente, imaginando que talvez ela não deva estar em casa. Para desincumbimento de consciência, aperto o botão pela terceira vez e após alguns instantes a porta é aberta e eu sou surpreendido.

Alice está usando uma camiseta velha que chega a seus joelhos, os cabelos estão bagunçados e seu rosto está brilhante demais, assim como os olhos, com círculos roxos logo abaixo, evidenciando sua palidez.

— O que você tem? — questiono, dando um passo à frente.

Ela pisca algumas vezes, acho que finalmente me vendo, e força um sorriso, seus lábios fartos parecem ressecados.

— Febre — responde e sua voz sai rouca. — Acho que estou com uma gripe daquelas. Por isso não apareci...

Ela para de falar e começa a espirrar.

— Está tomando remédio, foi ao médico?

— Tomei um remédio que achei — responde quando para de espirrar. — Não gosto de ir ao médico sozinha.

— Pensei que morasse com seus pais.

— Todo mundo foi viajar. Só tem uma gata preguiçosa comigo.

Ela sorri, parecendo um pouco sem jeito.

Penso em algo para falar, mas então Alice cambaleia e só tenho tempo de dar um passo e impedi-la de cair.

— Alice!

— Só... Fiquei um pouco zozza.

Passo seu braço por cima de meus ombros e a ajudo entrar no apartamento, a conduzindo até o sofá de couro branco onde uma gata está de patas para cima se esfregando.

Tirando uma maleta de medicamentos em cima da mesa de centro, tudo está perfeitamente organizado.

Ajudo-a a sentar no sofá e me ajoelho na sua frente, pensando no que farei.

— Quer que eu te leve ao médico? — pergunto, avaliando seu rosto pálido e suado.

— Não gosto de médicos — diz com voz fraca. — Só tomar um antitérmico que fico novinha em folha.

Toco sua testa e percebo que está quente e pegajosa. Viro-me e puxo a maleta, encontrando um termômetro dentro dela. O posiciono embaixo do braço de Alice e não demora para que este apite, revelando trinta e nove graus de febre.

— Talvez seja melhor irmos, Alice. Está com bastante febre.

Ela sacode a cabeça e volta a fechar os olhos. Preocupo-me com seu estado. Ela disse estar sozinha e ainda por cima não quer ir ao médico.

— Estou tão cansada — murmura de olhos fechados.

Vê-la frágil desse jeito mexe com algo dentro de mim e então decido que não vou deixá-la assim.

— Vou te colocar na cama, venha.

Apoio-a quando tenta se levantar do sofá e ela me indica a porta

onde fica seu quarto. Entramos e eu percebo que é um ambiente pequeno e pintado de roxo com detalhes em branco, uma cama de casal com grades também brancas está no centro do quarto.

Conduzo-a até lá e a ajudo deitar, ajeitando seu edredom.

— Fique... Fique um pouquinho comigo, Vince — pede de olhos fechados. — Eu... não gosto de ficar sozinha.

Penso em me oferecer para ligar para alguém, mas Alice mesma disse que estão todos viajando, então me aproximo e sento ao seu lado, pensando no que farei. Toco sua testa novamente e ainda está pegando fogo.

Quando estou afastando minha mão de sua testa, Alice a pega com suas duas mãos pequenas e me puxa para mais perto.

— Eu... Eu sinto tanto sua falta — murmura. — mesmo que esteja ali do lado, eu sinto tanto sua falta que... chega a partir meu coração.

Sua fala me pega totalmente desprevenido e julgo sua febre alta a razão de estar falando coisas assim, por isso permaneço em silêncio até que o som de sua respiração indique que adormeceu, então a deixo no quarto e vou para sala.

Não pondero muito e resolvo partir para a ação.



Ligo para a farmácia e peço mais antitérmicos e em seguida vou para a cozinha. Talvez Alice não tenha se alimentado. Enquanto procuro as coisas para fazer um caldo, decido que se sua febre não abaixar, a levarei contra a vontade mesmo para o médico. Ela diz estar resfriada, mas talvez não seja apenas isso.

Quando o medicamento chega, vou até o quarto e lhe dou. Ela o toma praticamente dormindo e assim segue pelas horas seguintes, enquanto a observo, sentado ao seu lado. De tempos em tempos, ela murmura algo antes de se aconchegar cada vez mais em mim.

Eu chego a esperar me sentir desconfortável com a proximidade, mas me vejo passando os braços ao seu redor, a deixando repousar a cabeça em meu peito e não me sentindo nem um pouco estranho com isso.

Normalmente não sou de ficar abraçado na cama com nenhuma garota, mas a fragilidade desta me lembra de que eu sou o inadequado e não ela. Apenas não sei até que ponto conseguirei me manter como inadequado porque a cada vez que ela chega um pouco mais perto, deixo de sentir que é errado.

Capítulo 8

Maria Alice

É estranho estar sendo cuidada por alguém, mesmo que eu esteja cansada demais para abrir os olhos porque não há sequer uma parte do meu corpo que não doa como se eu tivesse sido atropelada por um rolo compressor, consigo sentir o toque suave das mãos deles enquanto afasta meus cabelos da testa e me dá remédio.

Eu faço parte do seleto grupo de pessoas azaradas que passam o inverno todo vendendo saúde, mas quando chega o verão é pego pelo vírus da gripe e fica de cama. No começo eu achei que estava toda dolorida devido aos exercícios, mas então começou a dor de cabeça, seguida de espirros e chegando a febre que está me deixando mais exausta ainda.

Ouçó ele murmurar que eu devo ir ao médico e isso não deixa de me surpreender porque nem minha própria família me dá tanta atenção assim, apenas chá e remédio para febre. Para minha mãe chá cura tudo e meu pai sempre achou que a obrigação de cuidar de mim era da minha mãe. Eles serem desse jeito não diminui o sentimento de abandono.

Antes de Vincent aparecer na minha porta, eu estava ponderando para quem ligaria. Estela já está em Fernando de Noronha se divertindo e eu sequer sei em que local do mundo meus pais estão. Estou prestes a fazer vinte e dois anos, depois de amanhã para ser mais exata, dia vinte e quatro de dezembro, e ainda não consigo me acostumar com a solidão. Será que algum dia, alguém verdadeiramente, se acostuma a isso?

Aproximo-me mais de Vincent e apoio a cabeça em seu peito, me sentindo tão protegida em seus braços que tenho medo de abrir os olhos e pensar ser mais um sonho. Já sonhei tanto com ele que perdi as contas e as vezes acordo desse sonhos chorando por saber que na vida real ele ainda está distante de mim.

Aquele beijo foi a melhor coisa que já me aconteceu porque tenho certeza de que ele se lembrará e se Vincent sentiu uma fagulha do que eu senti, então esses anos de amor unilateral não foram em vão.

— O que eu faço com você, Alice? — o ouço perguntar antes de sentir suas mãos em meu cabelo. — Será que vai ficar mesmo bem?

Esforço-me para abrir os olhos e então olho para o rosto dele, vendo resquícios de barba para fazer e preocupação.

— Só fique comigo — murmuro. — Seja meu sonho hoje.

Se fosse qualquer outro dia, eu jamais teria essa coragem, mas ainda lembro da promessa que fiz a minha melhor amiga. Se dessa vez não der certo, então vou aceitar que as vezes o destino erra, mesmo que aquele beijo tenha me feito sonhar ainda mais.

Acho que todos os sonhadores, até mesmo aqueles que não admitem, precisam de algo, ou alguém, que seja como um despertador. Já estou a tanto tempo sonhando que talvez seja a hora de aceitar minha realidade e acordar.

Eu sei que eu sempre disse que eu sem o Vincent não era um 1 completo, mas eu não tenho mais dezessete anos. Talvez simplesmente esteja na hora dele saber *tudo*. Qual outra oportunidade terei?



Em algum momento da minha divagação acabo adormecendo e quando acordo, percebo os primeiros raios de sol entrando no quarto. Sento-me na cama e tento me situar. Lembro-me de Vincent me dando o remédio e eu voltando a dormir e agora sinto-me um pouco melhor. O nariz ainda está entupido e eu ainda pareço que fui atropelada, mas não há músculos latejando e o calor excessivo. Provavelmente estou sem febre.

— Acordou?

Ouço a voz dele e então o localizo sentado em frente à minha escrivaninha. Tenho vontade de correr e tirá-lo dali porque nas paredes têm

vários papéis coloridos pregados com ideias para minhas próximas histórias online. Nunca gostei muito que os conhecidos vissem meu lado escritora.

Eles sempre perguntam de onde vem minhas ideias, ou então querem que eu explique sobre o enredo e a verdade é que eu apenas sonho e não busco explicar o motivo. Escrever me faz feliz e isso basta.

— Acordei — falo o óbvio.

— Que tal comer alguma coisa? — Vincent levanta e se aproxima da cama.

— Acho que não tem nada para cozinhar.

— A comida já está pronta. Vamos?

Ele me estende a mão e por um momento eu hesito, olhando para ele, tentando absorver seus traços e guardar esse momento. É sempre assim quando estou com Vincent. Quero absorver o máximo possível para ainda tê-lo quando resolver não estar mais aqui.

Saio da cama e antes que meus pés toquem o chão, Vincent se abaixa e coloca os chinelos em meus pés.

— Faz pouco tempo que sua febre diminuiu — diz ao ver minha expressão surpresa.

Balanço a cabeça e o acompanho até a cozinha, passando pela sala e vendo a gata mais preguiçosa do mundo dormindo no sofá como se fosse dona da casa.

— Fiz um caldo de carne — ele explica quando eu sento na mesa já posta. — Sei que já é de manhã, mas não imaginei que você dormiria tanto.

Atordoada por tê-lo no apartamento, ainda mais cuidando de mim, apenas balanço a cabeça novamente, como aqueles bonecos de posto, e o deixo me servir. Quando Vincent senta ao meu lado, não posso evitar ficar olhando para ele de um jeito embasbacado.

— Por que está me olhando assim? — questiona enquanto se

serve.

— Estou surpresa de estar cuidando de mim.

— É que eu tenho uma quedinha por garotas que precisam de ajuda.

E com isso ele pisca de um jeito que faz meu coração começar a acelerar.

— Coma, Alice.

Coloco uma colherada do caldo na boca e apesar de não sentir muito o gosto, por conta do nariz entupido, elogio a comida. Já faz um bom tempo que ninguém cozinha para mim. Mamãe é adepta de comida comprada tanto quanto eu.

— Muito obrigada — falo quando termino de comer.

Levanto-me, para começar a lavar a louça, mas Vincent segura meu braço.

— Volte a descansar — diz em um tom suave. — eu termino aqui.

Mordo o lábio, sem palavras mais uma vez. Pode você sonhar tanto com alguém e essa pessoa acabar superando todas as suas expectativas?

— Acho que eu já abusei demais de você. Sei que daqui a pouco você vai ir trabalhar.

— Tem outras pessoas para cuidarem disso.

— É só porque você tem uma quedinha por garotas que precisam de ajuda mesmo? — questiono, soando mais esperançosa do que deveria.

— Talvez porque seja você.

— O quê?

— Vai deitar, Alice.

Completamente confusa, volto ao quarto, mas ao invés de ir deitar, vou direto tomar banho. A febre me fez suar tanto que estou me

sentindo pegajosa.



Eu sempre gostei de escrever personagens enigmáticos e que não revelavam nada de si no começo da história, mas na vida real isso pode ser frustrante. Enquanto esfrego meu cabelo, não consigo deixar de pensar em que patamar eu e Vincent estamos.

Trocamos um beijo, agora ele está cuidando de mim e eu estou com o peito carregado de esperanças, sem saber o que acontecerá no próximo minuto, ao mesmo tempo não querendo saber porque ainda acredito naquele destino que nos uniu.

Será que é tolice eu ainda acreditar nisso? Estela diz que sim. Minha mãe diz que sim e meu pai sequer percebe. Tenho um círculo tão pequeno de pessoas próximas que chega a ser unanimidade entre elas o quanto eu sou tola.

Saio do banheiro secando o cabelo com a toalha e encontro Vincent sentado na minha cama. Ele me olha e então abre a boca, fazendo uma expressão surpresa.

Olho para minha roupa e vejo a camisola de algodão rosa acima dos joelhos. Estou sem sutiã e somente as finas alças sustentam meu peito. Ele mandou eu ficar deitada e odeio ficar deitada de sutiã.

— Acho.... Acho que ficar com o cabelo molhado pode piorar seu resfriado — ele fala e desvia o olhar.

— Vou pegar o secador.

Ando até minha penteadeira e pego o secador na gaveta, sentando no banquinho rosa estofado. Ligo o aparelho e quando estou prestes a começar a secar os cabelos, Vincent surge atrás de mim.

— Eu te ajudo — fala e pega o secador da minha mão, se aproximando mais de mim.

Inclino a cabeça para trás e fecho os olhos quando as mãos dele tocam meus cabelos e ele começa a secar as madeixas. Eu sei que deveria estar cansada demais para sentir tesão, mas não consigo ficar indiferente conforme ele toca em meu couro cabeludo e suas mãos esbarram em meu pescoço.

Ele se aproxima um pouco mais e eu posso sentir meus mamilos ficarem enrijecidos. Deus, o que esse homem faz comigo com um simples toque? Fecho as pernas, já sentindo a umidade entre elas. Sempre achei papo furado de romance as mulheres ficarem excitadas com um simples toque dos homens, mas as mãos dele parecem mágica e não deixo de me perguntar o que aconteceria se ele apertasse meus seios e prendesse meus mamilos entre seus dedos grandes.

Mordo o lábio e inclino mais a cabeça. Essa minha frustração sexual está chegando a um nível nunca atingido antes.

— Acho que está bom — Vincent diz e desliga o secador.

Abro os olhos e vejo meu reflexo no espelho da penteadeira. Meu cabelo parece uma moita por ter sido secado do jeito errado e meu rosto está corado demais, sem falar que os bicos de meus seios estão bem visíveis com a camisola fina.

— Acho que eu já vou — Vincent fala me olhando pelo espelho.
— Vai ficar bem?

Tenho vontade de gritar que não e que preciso que ele me leve para a cama logo ali, mas não quero ser a doida que o ataca depois de ter me ajudado, então apenas balanço a cabeça.

— Deixei anotado a próxima hora do remédio — diz e se inclina, colocando o secador em cima da penteadeira.

— Você vem me ver mais tarde?

Vincent morde o lábio e me olha mais uma vez, então se abaixa e beija minha bochecha em um gesto que deveria parecer casto, mas que na

verdade me incendeia ainda mais.

— Eu venho — sussurra em meu ouvido, me deixando arrepiada.

Ele sai do quarto e eu abro a gaveta a minha frente, vendo meu vibrador roxo e sentindo uma fisgada entre minhas pernas. Ele me deixou mais excitada nestes poucos minutos do que meu antigo namorado em uma hora.

Pego o vibrador e vou para cama, conferindo se as pilhas estão ali e ainda carregadas. O vibrador de silicone possui dois estimuladores, um para penetração e outro clitoriano, além de dez vibrações. O melhor para uma frustrada.

Ajeito os travesseiro e tiro minha calcinha de algodão, abrindo as pernas e tocando em meu sexo molhado. Massageio o clitóris com o dedo médio por alguns segundos, fechando os olhos e me sentindo mais quente.

Abaixo as alças da camisola e seguro meus seios, tocando nos mamilos rígidos, os apertando entre o polegar e o indicador, sentindo minha vagina pulsar, cada vez mais lubrificada.

Pego o Geraldo ao meu lado e o posiciono em cima do meu clitóris, apertando o opção intercalada. Abro mais as pernas e sinto o contato com mais intensidade. Fecho os olhos e mergulho mais de encontro ao travesseiro, inclinando o quadril e sentindo tesão com a intensidade da vibração.

Começo a pensar mais em Vincent, lembrando das vezes em que ele apareceu na sacada apenas com uma toalha enrolada na cintura, ou então com uma boxer branca, a minha favorita.

Rebolo de encontro ao pênis de silicone posicionado em meu centro, imaginando que é ele, gemendo sem pudor algum, aproveitando o raro momento em que estou sozinha no apartamento e não preciso me conter.

Sentindo-me ainda mais lubrificada, desligo a vibração e penetro Geraldo em meu sexo ardente e necessitado, gemendo mais alto, abrindo mais

as pernas e brincando com movimentos de vai e vem.

Quando sou preenchida, o estimulador clitoriano está posicionado corretamente, então ligo a vibração contínua e aperto os bicos de meus seios, rebolando para sentir ainda mais a estimulação.

— Aiiii que delícia — não consigo evitar o murmúrio desejoso enquanto imagino que é Vincent ali comigo me tocando nos seios sensíveis e no meio das minhas pernas.

Toco o seio com uma mão e com a outra pressiono mais o vibrador em minha vagina, sentindo meu sexo pulsar e devaneando que quem está pressionando o vibrador é ele.

Sem conseguir me conter, gemo ainda mais e movimento os quadris, sentindo a pulsação e então mudando para a intensa, gostando da pressão extra. Solto o vibrador e aperto meus bicos mais uma vez, fechando as pernas quando o prazer começa a atingir um nível que me faz tencionar o corpo.

Volto a abrir as pernas e começo a movimentar o vibrador. Está tão gostoso que eu me viro de bruços e fico de quatro na cama. Empino a bunda e continuo a mexer Geraldo.

A fricção de ser penetrada e ter o clitóris estimulado é incrível e mais uma vez não contenho os gemidos. Seguro-me na cabeceira da cama e inclino-me mais em direção ao vibrador, posicionando a parte maior em meu clitóris.

Sinto minha lubrificação escorrer pelas pernas, mas não me importo, desejando alcançar o ápice.

Minha vagina começa a contrair e eu volto a deitar de costas na cama, abrindo mais as pernas e penetrando todo o vibrador. Sinto a pulsação aumentar e me inclino mais contra os travesseiros, minhas pernas tremem quando sinto um intenso orgasmo varrer meu corpo.

Aproveito cada segundo do prazer intenso que compartilho

comigo mesma, então, cansada, finalmente me permito dormir.

Capítulo 9

Vincent Azevedo

Eu nunca havia secado o cabelo de uma garota antes e não sabia o quanto isso também mexeria comigo.

Os cabelos dela tem cheiro de lavanda e a textura delicada de uma seda e conforme a tocava, desejei fazer algo que não era tão inocente assim com Alice, ainda mais ela usando aquela camisola pecaminosa que fazia minha imaginação trabalhar muito mais rápido. Some isso com as horas que ela passou em meu colo murmurando coisas que me deixaram confuso e terá um Vincent excitado como um adolescente e igualmente confuso.

Uma parte de mim quer continuar ali com ela e se certificar de que está tudo bem. Alice me pareceu solitária e eu queria ser sua companhia, mas não consigo confiar em mim em relação a ela e a todo esse desejo que passei a sentir.

Gostaria de poder mentir a mim mesmo e dizer que é só tesão, mas o que sinto aqui é assustador exatamente por eu não conseguir identificar e a última vez que não consegui identificar um sentimento, eu acabei abandonado.

Saio do quarto dela com uma urgente necessidade de fugir, mas antes que chegue a porta, sinto que tenho que explicar sobre aquele beijo. Dizer que eu senti algo, mas que não quero levar esse algo adiante.

Chego a porta do quarto que deixei entreaberta e antes que entre, a vejo na cama, com a camisola enrolada na cintura e a calcinha enroscada no tornozelo. Alice está de olhos fechados e se tocando e isso é o suficiente para eu sentir meu corpo queimar como fogo.

Nunca fui um *voyeur* e também nunca vi uma garota se tocar dessa forma, acho que os filmes pornôns que assisti quando era moleque não

contam.

Parece que estou congelado no lugar e quando penso que talvez seja a hora de sair, Alice pega um objeto roxo que logo eu identifico como um vibrador e começa a brincar com ele, o penetrando em si mesma e gemendo.

Acho que se até a alguns dias eu tinha a imagem dela como uma garota inocente, essa imagem acaba de se perder porque a forma como ela penetra o pênis de borracha e então o deixa vibrando e passa a acariciar os seios mostram uma mulher cheia de desejo.

A cena está me deixando tão excitado que sinto que meu pau vai explodir contra o jeans. Tenho vontade de entrar ali e eu mesmo saciar o tesão dela, mas quero ver até onde Alice vai.

E ela vai longe porque então fica de quatro e me proporciona uma visão e tanto da sua bunda e do que está fazendo. Posso ver o quanto está excitada pela forma como seu mel escorre através das grossas coxas.

Seus gemidos vão aumentando até que por fim se deita novamente no centro da cama e goza de forma gloriosa, seu corpo tencionando como um arco.

Que bom que um de nós teve o fogo apagado.



Consigo sair do apartamento dela silenciosamente e quando chego ao meu, me livro das roupas e ligo o chuveiro, mas antes mesmo de entrar embaixo do jato gelado já estou batendo uma e lembrando da cena que vi a pouco.

Sinto que se não fizer isso vou explodir e continuo me tocando até que chego ao orgasmo, mas mesmo um pouco mais aliviado, continuo pensando nela e no fato de que não é tão inocente quanto parece e que também sente o mesmo tesão que eu.

No fundo somos dois adultos querendo desesperadamente um ao outro e eu não sei até quando vou conseguir me controlar. Alice é maior de

idade e dona do próprio nariz e eu, que até a uma hora temia por ela, começo a achar que talvez possamos chegar a um acordo.

Demoro um pouco a adormecer, tentando recuperar a noite insone, e quando consigo acabo sonhando com Alice, só que dessa vez são minhas mãos a tocando e não o vibrador. Como o esperado, eu acordo suado, excitado e mais frustrado ainda.

Após outro banho frio vou para o bar e meu humor ruim afugenta até o meu gerente, menos o meu melhor amigo intrometido que vem para almoçar sem ser convidado.

— E a saga do Vincent que quer comer a vizinha e não toma coragem continua — ele debocha quando vê minha expressão.

— Você não tem moral nenhuma para falar de mim, idiota.

— Acaba logo com isso, parceiro — fala e pega a cerveja que lhe estendo. — pelo menos uma vez na vida deixa de querer controlar tudo e vai na emoção.

— Você é o meu exemplo de que ir na emoção é o que fode.

Jaime faz uma careta e me lança um olhar de desdém.

— Tenho poucos arrependimentos no final das contas e você que depois da megera calcula o tempo com cada mulher que fica? Acho que eu prefiro errar pelo excesso do que pela falta dele. A Raissa já passou, Vince. Nem todas as mulheres são como ela e você já conhece essa Alice a anos. Os dois querem, então vai lá!

Não respondo, mas acho que no fundo Jaime, o cara mais azarado da história dos caras azarados, possa estar minimamente certo. O que me resta saber é se ela topa.



Eu apareço no apartamento de Alice assim que anoitece e toco a campainha uma única vez e então ela abre a porta. Os cabelos na altura dos

ombros estão ondulados e ela está usando um vestido amarelo acima dos joelhos.

— Oi — falo sorrindo, lembrando sem querer da cena da noite anterior e sabendo que ela não faz a mínima ideia de que estava sendo observada. — como você está?

— Estou muito melhor — responde e calça os chinelos que até então eu não havia visto e balança um molho de chaves.

— Está saindo? — e por que a pergunta soa tão desapontada?

— Gostaria que você viesse ver a chuva de meteoros comigo — ela diz e encolhe os ombros, por um momento parecendo tão sem jeito quanto a sua versão de dezessete anos.

— Onde?

— No terraço do prédio.

— Pensei que fosse proibido ir ao terraço dos prédios desse condomínio.

— Não quebra as regras de vez em quando? — ela questiona sorrindo.

Não respondo, mas quando ela começa a andar em direção as escadas eu a sigo, sempre atrás dela, vendo a forma como seu quadril se mexe conforme sobe os degraus e tendo vislumbres da sua calcinha branca e pequena.

Paramos em frente a uma porta onde tem uma placa escrito entrada somente do pessoal autorizado e Alice a abre com uma de suas chaves, espera que eu entre e então tranca a porta novamente. Algo sobre estar trancado em um local proibido com ela é muito excitante.

— Eu e Estela roubamos a cópia da chave do antigo porteiro que era apaixonado por minha amiga — ela explica e anda em direção a duas espreguiçadeiras. — Esse local é como se fosse a casa da árvore de duas

crianças de apartamento.

Olho ao redor e vejo o amplo espaço com piso de lajotas, pequenas muretas pintadas de marrom com duas espreguiçadeiras estofadas e alguns vasos de plantas espalhados. Alice se aproxima das cadeiras e retira o plástico que as cobre.

O local, apesar de ser noite, está claro devido a iluminação dos prédios ao redor. Olho para o céu e vejo o manto negro salpicado de pontos iluminados. É um lugar lindo.

Alice puxa uma pequena mesa entre as espreguiçadeiras e começa a acender as velas dispostas em cima desta. Quando termina, ela se ergue e me olha, parece hesitar por um momento, então senta em uma das cadeiras e me chama.

— Eu sempre quis trazer você até aqui — ela fala quando eu sento, voltado em sua direção.

Estranho suas palavras, mas antes que eu diga algo, Alice continua a falar.

— Eu pensei muito se eu contaria o que irei falar para você agora — ela diz e olha para o chão. — Já faz algum tempo que eu penso nisso e o que faria se tivesse oportunidade, então acabou que eu ter aquele acidente na academia nos aproximou e mesmo falha, foi minha última tentativa de me aproximar de você.

— Mas eu sempre estive do outro lado da rua — a lembro com delicadeza.

— acredite, Vincent, até mesmo nos meus sonhos eu sentia sua falta — ela começa a estalar os dedos. — Já faz cinco anos que eu te vejo pela janela e espero que me veja também.

Pisco algumas vezes, atordoado com o rumo que a conversa está tomando. Vim até aqui para propor sexo casual e estou ouvindo uma declaração de amor, é isso?

— Eu já te escrevi tantas cartas e histórias que meus dedos não seriam suficientes para contar.

— Alice...

— Eu desejei tanto que você viesse até mim que teve momentos em que simplesmente cansei de esperar. Eu sei que deve achar que eu sou maluca e está se perguntando o motivo de ouvir isso se o amor unilateral é meu, mas eu prometi a alguém que essa seria minha última tentativa e que então eu deixaria de acreditar no fio do destino que nos uniu.

— Fio do destino?

— Eu ouvi sobre essa lenda uma vez, que diz que as pessoas destinadas umas as outras têm um fio que as conecta e eu acredito que o fio do meu destino se entrelaçou no seu quando me deu aquelas flores.

— Alice — a chamo, totalmente desconfortável com o rumo da conversa e com a confusão causada há cinco anos. — Aqueles flores não eram para...

— Elas não eram para mim — ela me interrompe e sorri. — Eram para uma garota chamada Raissa, a mesma garota que roubou seu sorriso e partiu seu coração.

— Mas como...

— A aliança com o nome dela estava presa no buquê que me entregou.

Alice levanta e mexe no bolso do vestido, me mostrando o pequeno círculo de ouro.

— Eu a guardei por todos esses anos — explica e me entrega a aliança. — Fiquei esperando o momento em que você a esqueceria e ela não significaria mais nada. Sou tão boba né?

Olho para a aliança já esquecida e com o nome de Raissa gravado. O pedido de casamento que nunca foi feito.

— Eu ainda não sei se voltou a sorrir, Vince, e eu também peço desculpas por ter ficado com algo que não era meu.

— Por que está fazendo isso? — finalmente pergunto.

— Cansei de esperar que lembre de mim e de sonhar e acreditar em um destino que me faz observar você de uma janela.

— Lembrar de você?

Alice dá uma risada curta, parece mais resignação mesmo.

— Na inauguração do seu bar. Eu perdi minha virgindade com você no escritório. Esperei que lembrasse de mim no dia seguinte, mas você apenas me cumprimentou como sempre e subiu na sua bicicleta. Em sua defesa, eu sei que estava bêbado, mas ainda assim deixei que fosse meu primeiro beijo e minha primeira transa.

A aliança cai da minha mão e desliza pelo piso e eu não consigo fazer um movimento sequer. Primeiro beijo? Perda de virgindade e inauguração do bar? Olho mais atentamente para Alice, vendo seu cabelo loiro e lembrando da garota com quem dormi no escritório, de seus longos cabelos tocando meu peito e seus lábios avermelhados em formato de coração.

Continuo a olhando de forma intensa, até que as lembranças começam a se encaixar. Ela realmente tinha cabelos longos e cheio de cachos, cabelos com o tipo de perfume que fica na memória.

— Isso é impossível — murmuro, ainda sem conseguir acreditar, apesar de estar quase encaixando as evidências.

— Mas aconteceu — ela afirma baixinho. — eu sempre fui meio boba por você e por isso esperei tanto tempo, mas mesmo que estejamos mais próximos do que em qualquer outra época, eu tenho que aceitar que talvez você nunca venha a olhar para mim da mesma forma que eu te olho.

As palavras dela me atingem de um jeito que faz com que eu sinta o peito oprimido. Saber que, mesmo que eu não lembre devido ao excesso de

álcool em meu corpo, nós já dormimos juntos e que ela gosta de mim, me deixa atônito porque eu sempre tomei todas as providências para que as mulheres com quem durmo não se apaixonem por mim.

E aqui está ela, me olhando não de forma acusatória ou triste, apenas como se tivesse tirado um peso enorme dos ombros ao dividir o que passou tempo demais sentindo sozinha.

Capítulo 10

Maria Alice

Eu sempre soube que amar Vincent era um caminho difícil, mas ainda assim eu andei em direção a ele a cada oportunidade que tive, mas a decisão que tomei enquanto estava em seus braços, ardendo em febre, ainda é real. Eu sinto de tudo um pouco por ele, do tesão ao amor, mas eu realmente preciso acordar.

Sinto-me muito mais leve depois que todos os segredos são revelados e vejo em sua expressão que não fazia a mínima ideia que já tinha se envolvido comigo antes. Não fiquei magoada, foi mais como se eu recebesse um tapa na cara que funcionou como um despertador, me fazendo entender que as expectativas em relação a ele eram somente minhas e nunca foram compartilhadas. Eu, Maria Alice, sonhadora profissional, escritora nas horas vagas e professora de inglês, finalmente confessei meu amor unilateral.

Acho que agora posso ir para casa, me encolher no sofá e escrever um longo e-mail para minha melhor amiga, que mesmo tendo sido proibida pelo noivo de usar o celular, dará um jeito de me responder e me chamar de boba.

Vincent levanta da cadeira e vai em direção a aliança de Raissa que caiu de sua mão e eu pego minhas chaves, decidida a deixá-lo sozinho com as lembranças da dona das flores que mudaram minha vida. Todo mundo precisa mergulhar nas lembranças de vez em quando.

No momento em que chego a porta, sinto os dedos dele em meu braço, me impedindo de dar o próximo passo, me deixando arrepiada.

— Você tem noção de que eu a procurei por todo canto, garota?
— pergunta e me puxa em sua direção, fazendo com que minhas mãos batam em seu peito.

— Mas eu pensei que não se lembrasse de mim.

— Mesmo sem saber que era você, eu te procurei.

— Mas...

Não consigo terminar a frase porque Vincent coloca a mão em minha nuca e me puxa para si, cobrindo meus lábios com os seus e dando início ao melhor beijo da minha vida ao não ter sutileza alguma no toque. É intenso e selvagem e as mãos dele parecem estar em todos os lugares enquanto as minhas começam a deslizar por baixo de sua camiseta, onde sinto o calor de sua pele na ponta de meus dedos.

Vincent segura meu quadril e me puxa de encontro a si, fazendo eu sentir o volume de sua ereção.

— Faz dias que eu só tenho você na cabeça — murmura segundos antes de colocar a mão por baixo do meu vestido e me tocar por cima do tecido de algodão da calcinha. — A cena que eu vi ontem só fez o tesão aumentar.

— Que... cena? — pergunto arfando porque ele afasta minha calcinha para o lado e toca meu clitóris, me provocando um arrepio.

— Você se tocando — diz em meu ouvido e então morde o lóbulo de minha orelha. — Eu quis provar você toda.

— O quê?

Olho para Vincent, totalmente mortificada por ele ter me visto, ainda mais que foi depois que ele secou meus cabelos. Sinto uma onda de calor percorrer meu corpo e penso nele me olhando em um momento tão íntimo.

— Não fique assim — fala e cobre meus lábios brevemente com os seus. — Isso fez apenas meu desejo por você aumentar e eu pensei em muitas formas de saciá-la no lugar daquele seu brinquedinho.

Arregalo os olhos e Vincent sorri de um modo safado, então pisca,

se ajoelha na minha frente e começa a erguer a saia do meu vestido.

— Segura, por favor — diz como se estivesse pedindo algo comum, como alcançar a manteiga.

Ainda mortificada, seguro o tecido que ele embolou ao redor da minha cintura. Vincent então passa as mãos ao redor de minhas pernas e começa a acariciá-las para em seguida começar a dar beijos molhados em minhas coxas. Deliciosos arrepios começam a percorrer meu corpo e fico ansiosa pelo que está por vir quando Vincent beija meu monte de vênus.

Ele me olha e sorri novamente, me puxando para mais perto e afundando o rosto entre minhas pernas, beijando meu sexo por cima da calcinha, fazendo com que eu me mexa e sua barba por fazer arranhe minhas coxas.

Vincent começa a mexer a língua e eu sinto meu sexo pulsar conforme ele me lambe, mesmo que o tecido da calcinha pareça impedir que eu sinta além de uma deliciosa cosquinha, mas então ele começa a retirar a peça branca e eu dou um pulinho para desprendê-la de meu tornozelo, o fazendo rir.

O riso acaba quando Vincent coloca o rosto entre minhas pernas e começa a dar batidinhas com a língua em meu clitóris, chupando em seguida. Aperto a saia do vestido entre os dedos e ele me traz para mais perto e lambe toda a extensão da minha boceta, apertando minha bunda e aprofundando ainda mais o contato.

Fecho os olhos e começo a mexer o quadril. Não consigo evitar os gemidos e murmúrios pedindo por mais. Vincent então me penetra com um dedo, não deixando de me chupar, e eu começo a rebolar em busca de alívio.

— Oh, Deus! — Gemo e ele passa a me penetrar com dois dedos.

Vincent se afasta e me olha, seu rosto marcado com minha lubrificação.

— Devo continuar? — pergunta de um jeito zombeteiro.

Minha resposta é segurá-lo mais contra mim enquanto mexo o quadril e sinto os primeiros espasmos do orgasmo que faz com que todo meu corpo tencione e eu grite, sentindo que explodo em milhões de pedacinhos.

Quando a sensação vai diminuindo, Vincent continua me chupando, girando a língua ao redor do meu clitóris intumescido pelo prazer, fazendo-o pulsar mesmo após o alívio.

Ele se afasta e eu solto a saia do vestido, olhando para seu rosto marcado com meu mel e sentindo as pernas bambas.

— Nossa — é tudo o que consigo dizer, minha voz rouca devido a intensidade do que acaba de fazer.

— Isso quer dizer que fiz bem? — indaga de uma forma presunçosa.

Minha resposta é me aproximar e tirar sua camiseta, vendo seu corpo musculoso de perto e admirando cada detalhe bem esculpido, como se esse homem fosse uma obra de arte.

Vincent me olha, os olhos esverdeados carregados de luxúria, e eu resolvo retribuir o presente e o conduzo pelo cóis da calça até a cadeira, sentando e abrindo seu zíper, puxando sua calça para baixo e vendo a boxer cinza. Não perco tempo a admirando e a abaixo. Seu pau pula, como se tivesse me saudando, completamente duro.

Passo a língua nos lábios e o seguro.

— Você pensou na possibilidade de sermos vistos — ele questiona quando fecho a mão ao redor do seu membro.

— Isso me deixa com mais tesão ainda — respondo e começo a mexer a mão. — Acho que teremos que dar um espetáculo digno de ser visto.

Vincent abre a boca e eu lhe deixo mais surpreso ainda ao lambe sua glândula, sentindo seu gosto e então o colocando de vez na boca e massageando suas bolas ao mesmo tempo. Ele geme de um modo que me deixa arrepiada e eu o torturo, com movimentos lentos.

— Devo continuar? — questiono, imitando o que fez antes e tirando seu pau da boca.

— Sim, sua moleca atrevida.

Sorrio e o massageio enquanto chupo, sentindo tesão com os gemidos cada vez mais altos de Vincent.

— Eu quero gozar dentro de você — ele diz e segura meus cabelos.

Vincent se livra dos sapatos e das roupas que restam e me olha de um jeito que me deixa arrepiada.

— Erga os braços.

Faço o que ele pede e Vincent tira meu vestido e olha para meus seios sustentados por um sutiã rendado azul.

— Lindos — diz e me ajuda a levantar, me beijando enquanto suas mãos trabalham em meu sutiã.

Eu o abraço quando a lingerie cai no chão, apertando meus seios contra seu peito musculoso. Estamos completamente nus em um terraço justamente na noite em que todos concentram sua atenção no céu. Algo sobre a possibilidade de sermos vistos faz com tudo que seja ainda melhor.

Vincent me conduz novamente a espreguiçadeira, me faz deitar e então fica entre minhas pernas abertas e pega meus seios com as duas mãos, os juntando.

— Tive vários tipos de pensamentos pecaminosos com essas belezinhas — fala antes de lambê-los.

Ele volta a me olhar, alternando as lambidas entre os mamilos, fazendo o meio de minhas pernas incendiar novamente e eu morder o lábio, tentando conter os gemidos e pensando na possibilidade de sermos vistos ou ouvidos.

— Não se contenha, gostosa — Vincent fala e então prende

momentaneamente meu mamilo entre os dentes. — Eu adoro seus gemidos.

Fecho os olhos quando Vincent começa a chupar meu bico e aperta o outro entre o indicador e o polegar. Meus seios sempre foram meu ponto fraco e só de tê-lo tocando-os, já sinto que vou explodir.

— Eu quero você — falo e puxo seu rosto para perto do meu e o beijo, tocando minha língua na sua através do espaço entreaberto de seus lábios, sabendo que o sexo que estamos prestes a fazer vai significar uma coisa diferente para cada um.

Para mim é o fruto de um amor de anos e para ele o alívio do tesão que passou a sentir por mim, mas ainda assim não me importo porque eu o quero de todas as formas que uma mulher pode desejar um homem. Eu o quero com meu corpo para aplacar meu desejo, com o coração para fazer esse amor valer a pena e também com a alma pelo destino que eu ainda acredito nos unir.

— Eu quero brincar mais um pouco — ele fala contra meus lábios.

Vincent abaixa a cabeça e lambe meu seio e então assopra meu mamilo antes de colocá-lo novamente dentro de sua boca quente e úmida, empurrando meus braços para cima.

O tesão é tanto que se ele continuar sinto que irei gozar novamente com apenas seu toque e boca em meus mamilos.

— Por favor — imploro em meio a um gemido.

Ouçó sua risada e abro os olhos. Vincent me olha, seus olhos esverdeados totalmente focados em meu rosto. Ele sorri, fazendo as rugas de riso ao redor de seus belos olhos se estreitarem.

— O que foi, Alice? — questiona ainda sorrindo. — Estou apenas te torturando da mesma forma que fui torturado ontem enquanto eu te via e sequer podia brincar junto.

E ele volta a tortura de chupar meus seios e eu, sem conseguir me

conter, deslizo a mão por minha barriga e chego a meu sexo molhado e ardente.

— Vou te dar o prazer de brincar junto — falo em seu ouvido, tocando minha boceta, pressionando o clitóris.

Vincent me olha e seus olhos começam a seguir o movimento da minha mão e eu o vejo lambe os lábios e sua expressão se torna mais safada quando eu toco meu clitóris com uma mão e com a outra começo a introduzir um dedo.

Ele morde o lábio e seu olhar continua fixo em meus movimentos, então Vincent se aproxima e me beija, segurando minhas mãos e fazendo com que eu abra mais as pernas, se posicionando entre elas.

— Seus movimentos são lindos — fala contra minha boca. — mas o gol dessa vez tem que ser meu.

E com isso, começa a passar a ponta de seu pau ao longo da minha vagina, pressionando mais em cima do clitóris e fazendo com que eu arqueie o corpo, querendo mais, porém Vincent continua com a deliciosa tortura, esfregando nossos sexos, postergando o que eu tanto quero.

Agarro-o pelo pescoço e tramo os dedos em seus cabelos macios, gemendo contra seus lábios e abrindo mais as pernas, nos encaixando.

— Camisinha — Vincent diz e se afasta de mim, pegando sua calça no chão.

A urgência do movimento me faz lembrar de que eu sempre fui centrada nesse ponto e nunca esqueci da proteção. Esse homem me tira do prumo.

Vincent pega o preservativo na calça jogada no chão e abre a embalagem prata com os dentes. Pego a camisinha de sua mão e a desenrolo em sua extensão, massageando seu pau e fazendo-o gemer.

Eu o seguro, querendo desesperadamente ser penetrada, o posicionando no lugar certo e impulsionando os quadris. Quando nos unimos,

eu sinto algo além do tesão porque dessa vez Vincent irá se lembrar.

Ele me olha com aquele olhar hipnotizante e eu retribuo seu olhar e quando Vincent se movimenta, eu me agarro mais a ele, abraçando-o com as pernas e os braços. Sinto-me totalmente preenchida e ele fica parado, como se estivesse esperando eu me acostumar com seu tamanho. Pela primeira vez em muito tempo, eu estou fazendo sexo com o coração também.

Vincent se movimenta e eu me agarro mais a ele, procurando desesperadamente seus lábios. Ele retribui meu beijo, segurando minha cintura e se movimentando mais rápido. Sigo seus movimentos, não conseguindo ficar parada, nossos gemidos não sendo discretos, nossas respirações aceleradas e nossos corpos unidos, meus seios pressionados contra seu corpo, os mamilos rígidos e sensíveis sendo esfregados em sua pele quente e levando um novo impulso para o meio das minhas pernas.

Ele para de me beijar e abocanha um de meus mamilos, circulando o brotinho sensível com a língua para em seguida arranhá-lo com os dentes. Agarro mais uma vez seus cabelos, o conduzido ao outro seio, impulsionando os quadris e ouvindo o barulho dos nossos corpos suados se chocando.

Vincent passa o braço por baixo das minhas costas, me puxando, e então começa a pressionar meu clitóris com o polegar enquanto me penetra, me fazendo gritar devido a intensidade do que passo a sentir.

Ele aumenta o ritmo tanto de seus dedos quanto de seu pau e eu me mexo também, o apertando ao meu redor e sentindo que ele também está quase lá.

— Vou gozar — falo com a respiração entrecortada, inclinando mais meu corpo contra o seu.

Vincent dá um gemido rouco e se movimenta mais rápido e eu não consigo evitar gritar conforme o orgasmo vai chegando, fazendo meu coração acelerar e meu sexo pulsar cada vez mais para então eu sentir meu corpo ficar tenso e eu ser arrebatada por um prazer intenso que me fazer curvar os dedos

dos pés enquanto arranho as costas dele.

Ele também chega ao orgasmo, me puxando contra si, se movimentando mais rápido e gemendo alto em meu ouvido. Vincent então me penetra mais uma vez com força e me segura, jogando a cabeça para trás, os lábios entreabertos e os olhos fechados. É uma visão gloriosa.

Ele ainda se movimenta por mais alguns segundos e então segura meu seio e morde a pele sensível, me abraçando e ficando em cima de mim por mais alguns minutos. Nossas respirações ruidosas se normalizam ao mesmo tempo.

Vincent segura meu queixo e me beija, um beijo longo e carregado de luxúria, onde nossos lábios e nossas línguas trabalham em sincronia e eu fico com o coração aquecido ao olhar para o belo rosto desse homem e o ver beijando a minha testa.

Ele fez exatamente a mesma coisa na primeira vez em que transamos e eu o amei e amo um pouco mais por isso.

Nus e saciados, observamos os riscos da chuva de meteoros começarem a cortarem o céu e assim como em todas as chances que eu tenho de fazer um pedido para o universo, eu o faço. Pedindo a mesma coisa de sempre.

Capítulo 11

Vincent Azevedo

A covardia é algo que se enraíza em você depois que se acostuma a tê-la ao seu lado. É quase como se a usasse como uma proteção para o coração que um dia já foi ferido.

Eu não me orgulho de dizer que sou, estou e quero ser covarde nesse momento por não conseguir entender o descompasso do meu próprio coração. Eu jurei que não sentiria novamente isso por ninguém, mas aqui estou eu ao lado de Alice.

Ela está gloriosamente nua, a cabeça pousada em meu ombro e seus cabelos macios acariciando meu maxilar. Tenho vontade de passar os braços ao seu redor e abraçá-la até que eu me sinta aquecido e adormeça sentindo seu calor em minha pele, mas esse desejo não combina com o gelo que envolve meu coração.

O sexo foi incrível e fez valer a pena cada dia em que eu sentia que minhas bolas explodiriam pelo tesão, mas é um tipo de sexo intenso que me faz querer mais e imaginar como seríamos ótimos juntos em uma cama, fodendo sempre que tivéssemos vontade. A experiência me fez perceber que somos compatíveis, mas o que eu sinto por ela, essa cosquinha incômoda no peito, me faz pensar que eu devo manter minha regra de não dormir mais de uma vez com uma mesma mulher.

— O que está pensando? — Alice pergunta, seus olhos voltados para o céu e os riscos minúsculos dos meteoros que cruzam o manto negro, quase como se fôssemos só nós dois no mundo, apreciando o espetáculo da natureza.

— Que o sexo entre a gente é incrível — opto por falar a verdade, sem joguinhos dessa vez. — Mas que apesar de ser fantástico e eu querer mais, não sou o tipo de homem que dorme duas vezes com a mesma mulher.

— Essa é a segunda vez que você transa comigo — ela retorqui de um modo zombeteiro, sorrindo e fazendo as covinhas aparecerem em suas bochechas.

Certa vez li que covinhas são erros genéticos e se for verdade, essa mulher é o erro genético mais lindo que já vi na vida. Ela é intensa e sabe mexer comigo apenas com palavras e é por este motivo que é tão perigoso ficar ao seu lado.

— Podemos levar em conta que eu não lembro da primeira vez.

Eu sei que foi algo babaca de se dizer, mas eu estou tão surpreso com o que sinto que de alguma forma eu quero afastá-la para ver se isso passa.

Alice se volta para mim, apoiando o queixo em cima do meu peito nu.

— Eu me lembro — ela sorri e seus olhos azuis ficam iluminados. — E foi tão bom quanto hoje.

— Todos dizem que a primeira vez dói, Alice, e se você disse a verdade sobre ser virgem, então não deve ter sido bom, ainda mais que eu estava bêbado.

Alice abaixa o olhar e eu percebo que minhas palavras a machucaram e isso me faz querer abraçá-la, beijar sua testa e pedir desculpas por estar sendo um cretino.

— Claro que doeu — ela confirma sem me olhar. — Mas era você, por isso eu não me importei.

— Alice, me faz um favor?

— Qual?

— Não perca mais seu tempo gostando de mim — e com isso eu a seguro pelos ombros e a afasto de mim.

Quando vou levantar, eu vejo os olhos dela cheio de lágrimas e

me lembro de como eu desejei que eles sempre ficassem iluminados como o céu em um dia bonito de verão e não nublados pela tristeza como nesse momento.

A culpa me atinge como uma flechada e eu volto ao lugar de antes e olho para ela, as lágrimas transbordam de seus olhos e escorrem por suas bochechas.

— Por que a cada vez que eu tenho a chance de fazer um pedido, eu peço você? — Alice questiona com voz embargada. — Eu desperdiço meus desejos com alguém que mora do outro lado da rua, mas que nunca quis me ver de verdade.

Ela abaixa a cabeça e eu me sinto pior pelos soluços que ouço, um som estrangulado de alguém que cansou de sentir tudo sozinha.

— Eu sempre enxerguei você — confesso e seguro seu queixo, a fazendo me olhar. — Mas você é tão mais nova, Alice. Eu já tenho trinta anos e conheço tanto do mundo e você ainda é tão jovem e não conhece nada.

— E qual é o problema?

— Eu já fui tão destroçado pelo amor que acho que sequer sei como é sentir isso novamente. Uma parte de mim deseja você e a outra a quer tão longe quanto possível para que eu não seja capaz de sentir nada. Você entende o que eu quero dizer?

— Não.

— Eu tenho medo do que sinto por você, garota. Eu não posso te ver precisando de algo que minha vontade é correr para atender. Eu não posso olhar para essa sua boca sem querer te beijar e eu não posso pensar em você, sem te querer a ponto de sentir que vou explodir e isso piorou pra caralho quando eu percebi que foi você a garota que eu procurei por todos esses anos.

— O que quer dizer com tudo isso, Vincent?

— Que eu preciso pensar e longe de você!

Alice arregala os olhos, mais lágrimas surgindo, mas antes que ela fale algo, eu me aproximo e a beijo. Sem delicadeza alguma minha língua toca a sua para então eu morder seus lábios carnudos, sentindo sua exclamação de surpresa contra minha boca.

Eu a puxo para o meu colo, sua boceta exatamente no lugar certo, e ouço seu gemido quando eu me esfrego contra si.

Ela trama as mãos em meus cabelos, suas unhas arranhando meu pescoço e me fazendo ficar duro novamente.

— Eu disse que preciso pensar — falo contra sua boca, minha mão deslizando por sua barriga e parando próxima de seu peito.

— Quem me beijou foi você — ela responde e morde meu lábio.

Acabo sorrindo e quando Alice se afasta, eu começo a beijar seu pescoço, sentindo o cheiro delicioso de sua pele e dando beijos até chegar a sua orelha, onde morder seu lóbulo, para então sugá-lo. Eu sinto quando ela se mexe, esfregando as coxas grossas uma na outra.

— Você está me deixando com tesão novamente, Vince — ela diz quando eu solto seu lóbulo, segurando meu rosto entre suas mãos pequenas. — Pensei que você estava me dando o pé na bunda, não que transaríamos novamente. Então decida agora: Vai transar comigo, me deixar somente excitada, ou se afastará com suas dúvidas desenxabidas?

Olho para a mulher pequena, nua, cheia de curvas e carregada de palavras atrevidas que me encara, esperando uma resposta. A mesma mulher que, quando era uma menina, se apaixonou por mim. Será que alguém assim seria capaz de me ferir?

— Eu não vou machucar você, Vincent — Alice fala, como se estivesse lendo meus pensamentos. — Não sou o tipo de garota que rouba o sorriso de alguém.

— E se eu machucar você? — questiono, segurando seu pulso. — E se eu não souber mais como amar?

— Isso é um “e se” e geralmente quem foi ferido sabe exatamente onde dói e não irá querer fazer outra pessoa passar pela mesmo e tem mais uma coisa.

— O quê?

— Eu passei tantos dias esperando por você que não me custa esperar uns a mais até que goste de mim e se sinta seguro. Quer ser meu sexo casual?

Arregalo os olhos, completamente mortificado pela misto de ousadia e certa inocência que Alice passa e enquanto avalio seus lindos olhos azuis, penso na garota que me falou que gostava de sonhar e meu coração erra uma batida com a lembrança de quem ela foi e a mulher ousada que é e está me conquistando a cada atitude.

— Eu quero ser seu sexo casual, sua foda fora de hora e talvez, daqui um tempo, o cara que faz amor com você no final da noite. Isso basta para você, Alice?

Ela sorri, as lindas covinhas surgindo, e me puxa para perto, se recostando na cadeira estofada.

— É mais do eu imaginei.

— Então espera só um segundo.

Afasto-me dela e vejo o objeto brilhante próximo as nossas roupas espalhadas. O pego e com o olhar de Alice o tempo todo em mim, arremesso a aliança de Raissa o mais longe que consigo, me livrando do peso da garota que congelou meu coração.

— Eu precisava me livrar dela. O tempo da gente já foi — explico e volto para Alice, sorrindo diante de seu olhar admirado.

— Isso quer dizer que você voltou a sorrir? — Ela questiona, abrindo os braços para mim.

— Quando eu não sorrio quando estou com você?

Alice não tem tempo de responder porque eu me aproximo dela e abocanho seu mamilo, fazendo com que de um gritinho, surpresa. Eu sei que o momento deveria ser romântico, mas não consigo olhar para ela sem roupa e não sentir vontade de beijar e chupar cada centímetro do seu corpo.

— Lembra quando me disse que se achava gostosa sendo exatamente assim? — questiono, lambendo seu outro seio.

— Sim...

— Concordo. Cada parte do seu corpo é perfeita.

Alice puxa meu rosto para perto do seu e me beija, abrindo as pernas para que eu me encaixe, mas ao invés disso, eu levo os dedos a sua boceta, vendo o quanto está molhada.

Deslizo os dedos em seu mel e lambuzo seu clitóris, ouvindo seus gemidos quando faço movimentos circulares. Alice se inclina, seus peitos empinados em minha direção, os olhos fechados.

— Já te fizeram gozar só com o toque? — pergunto, me aproximando de seus seios.

— Geraldo...

— Quem? — sinto algo esquisito, para ser sincero, sinto ciúme.

— Meu vibrador — Alice confessa.

Lembro novamente dela se masturbando e então resolvo lhe mostrar como eu posso ser muito melhor do que seu brinquedinho.

Abro mais suas pernas e então começo a masturbá-la, mas ao invés de me contentar somente com sua boceta molhada, eu toco seu anelzinho enquanto pressiono seu clitóris.

Alice parece enlouquecer com o toque inesperado e inclina mais seus seios com deliciosos mamilos rosados em minha direção. Começo a chupá-los sem dó.

Espalho seu mel no buraquinho mais embaixo e a penetro com um

dedo, ao mesmo tempo em que pressiono o polegar em sua vulva, a fazendo murmurar palavras desconexas e se inclinar mais em minha direção.

— Vincent... — geme meu nome, rebolando em meus dedos. Sinto quando se contrai, próxima ao orgasmo.

Alice começa a estremecer, choramingando e me pedindo para comê-la, mas não atendo a seus pedidos, pelo contrário, intensifico os movimentos e volto a brincar com seus seios, esticando o mamilo com os dentes e chupando e não demora para que chegue ao orgasmo, seu corpo vibrando enquanto estica a cabeça para trás, os lábios carnudos entreabertos e as mãos apertando o estofado da cadeira.

Quando se acalma, ela me puxa para si e eu vejo seu rosto corado e os lábios inchados, combinados com o cabelo bagunçado. Ela está ainda mais linda agora e quando a moleca atrevida me beija, eu sei que sua proposta de sexo casual foi a melhor que já recebi na vida.

Epílogo

De: MariaAlice@englishschool.com.br

Data: 24 de dezembro 16:04:11

Para: Estelabarreto@advocaciacriminalista.com.br

Assunto: O quanto você estava errada!

Eu sei que você está com Guilherme e os dois devem estar como dois coelhos fazendo sexo por tudo quanto é quanto, mas cuidado para não arranhar a bunda na areia novamente. Você é a maior chata do mundo quando se machuca, uma picada vira uma ferida inflamada na sua cabeça de doida.

Mas não é sobre sua bunda seca que sua amiga aqui está se dignando a escrever hoje, sim, EXATAMENTE no dia do meu aniversário que você esqueceu, coisa que nunca ocorreu antes, mas te darei um desconto porque eu estou tão feliz que nem se minha mãe entrasse aqui junto com o Pivô meu humor iria embora.

Você deve ter percebido pelo título o assunto, não é? Mas se isso ainda não aconteceu, então deixa eu contar, em letras maiúsculas para que fique ainda mais ressaltado o quanto você estava errada: TRANSEI COM O VINCENT QUATRO VEZES!

E tenho que dizer que foi uma melhor do que a outra. Duas vezes foram do terraço, uma na sala e a outra no chuveiro. Você já fez sexo no chuveiro? É com certeza a oitava maravilha do mundo, tirando é claro a possibilidade de você escorregar e quebrar alguma coisa, mas quando eu estou com aquele homem nada de ruim acontece, pelo contrário, ele me garante orgasmos arrebatadores, estou até pensando em deixar o Geraldo para escanteio.

Eu sei que deve estar curiosa e se perguntando como é que isso aconteceu, mas a verdade é que tudo começou com aquele plano que você desdenhou e claro, com o destino que nos uniu. Agora Vincent finalmente sabe que nós transamos antes e que eu o amo. Ah, você não deve saber disso, mas eu perdi a virgindade com ele na inauguração do bar, depois que você conheceu seu excelentíssimo noivo e me deixou sozinha. É por isso que eu gosto do Guilherme mesmo quando você o odeia. Graças a ele, eu perdi minha virgindade com alguém que eu gostava e não com um dos embustes que nem sequer se atreveram a andar de mãos dadas comigo.

Para ser sincera, eu não sei se eu e Vincent vamos andar de mãos dadas, principalmente porque foi eu quem propôs que fizessemos sexo casual. Eu sei, talvez não tenha sido uma das minhas melhores ideias, mas o que eu podia fazer? Ele tem medo de ter compromisso por conta daquela garota malvada para quem as flores realmente pertenciam.

Provavelmente não estamos no relacionamento que eu sempre sonhei, mas se tem uma coisa que eu sei fazer nessa vida, essa coisa é esperar. Posso esperar até que Vincent esteja pronto para me amar e também posso aceitar o fato dele não fazer a mínima ideia de que meu aniversário é hoje e de que eu queria dormir abraçada com ele, mas este é apenas nosso começo e geralmente os começos não são bons, não é Estela?

Eu estou um pouco insegura, mas sou o tipo de garota que agarra as oportunidades que aparecem na vida e a que eu ganhei só irei perder se ele não quiser, ou se a espera se tornar mais dolorosa do que prazerosa.

Estou finalizando este ano com um novo começo, totalmente incerto, mas pela primeira vez estou vivendo a história que eu tanto ansiei escrever e sabe o melhor? É real.



Dois meses depois...

Faz uma semana que eu voltei a trabalhar como professora de inglês e algum tempo que sequer sento em frente ao notebook para escrever minhas histórias online. Ultimamente me divirto lendo histórias de outras pessoas enquanto a minha continua no mesmo ponto em que começou.

Tudo bem, não serei exagerada, eu estou feliz com todo o sexo que ando fazendo e com o fato de Vincent me deixar ir ao seu apartamento quando não temos tempo para irmos a um motel. É revigorante tê-lo ao meu dispor, poder prendê-lo na cama e lambuzá-lo de chantili, ou então propor uma coisa totalmente doida, como vela erótica, e ver o quanto somos compatíveis, mas eu ainda sou a mesma mulher apaixonada e que quer mais, mesmo que eu saiba que dormir com ele na mesma cama está fora de cogitação, talvez por uma hora ou duas, mas não a noite inteira. Nunca tivemos um encontro e acho que esse é o meu lado tolo falando, aquele que deseja ser mostrado com orgulho.

Ajeito a alça da bolsa pesada no ombro e continuo andando em direção ao apartamento. Com certeza minha mãe está me esperando para se vangloriar do quanto ela e papai me enganaram nas férias de dezembro.

Eles realmente se separaram por um tempo, conheceram novas pessoas, mas no final das contas foram para o tal cruzeiro juntos em uma lua de mel depois de verem que foram feitos um para o outro. Eram os dois no táxi aquele dia.

Estou feliz por eles e eles sabem que eu estou com alguém, mas não insistem em saber por estarem muito concentrados na própria felicidade. Acho que estão mais do que certos. Felicidade é o que importa.

Continuo andando, aproveitando os últimos dias de verão e observando a vida de todos voltarem a rotina após o carnaval, me perguntando se com o meu trabalho as coisas entre eu e Vincent irão piorar. Faz uma semana que não nos vemos porque geralmente eu vou até seu apartamento durante a tarde, pois a noite ele tem compromisso no bar.

Será que foi um amor de verão?

Chego a esquina do apartamento e então eu o vejo encostado em um dos postes de iluminação, as mãos atrás do corpo, os cabelos castanhos sendo agitados pela brisa do final da tarde. Está usando um de seus jeans velhos e uma camiseta preta. Sempre que eu o vejo meu coração acelera, mas não sei dizer se o mesmo acontece com Vincent.

Tenho de me controlar para não correr para ele e continuar com os mesmos passos de antes, mesmo que meu peito arda pela saudade e doa pela incerteza.

— Oi — falo quando finalmente chego a ele, apertando a alça da bolsa para não abraçá-lo e respeitar o fato de sermos o sexo casual um do outro.

— Senti sua falta — Vincent me surpreende ao se aproximar e beijar minha testa.

— Sentiu? — não consigo evitar parecer surpresa.

— Um pouco todos os dias e muito quando te vi vindo pra mim.

— Eu quis correr para você, mas não sabia que limite isso iria quebrar — confesso e olho para o chão.

— Alice...

Ele me chama baixinho e eu ergo o olhar, percebendo que sorri.

— Venha sempre pra mim — diz e aproxima o rosto do meu. — Eu senti tanto sua falta que tomei uma decisão.

— Qual? — a ansiedade toma conta de mim e eu só consigo olhar para os olhos dele e desejar mais uma vez.

— Quebrar todos os limites que impomos nos últimos meses.

— Pensei que você não quisesse gostar de mim por medo do que a Ra...

— Ela é uma parte do meu passado, Alice — Vincent me interrompe e se aproxima um pouco mais. — A saudade que eu tive de você e

que eu me obriguei a sentir, me fez entender que muitas vezes a gente tem que sentir a dor dos amores ruins para poder aproveitar o amor que é o certo.

— Amor? — repito a palavra e não posso evitar meus olhos cheios de lágrimas. — Por mim?

Vincent balança a cabeça e dá um passo para trás e então me estende um buquê de flores, fazendo com que eu entenda porque ele esteve com as mãos atrás do corpo esse tempo todo.

É um lindo buquê com papel dourado e azul e com minúsculas rosas coloridas.

— Esse foi comprado pra você — diz e tira a bolsa pesada do meu ombro, me entregando as flores.

— Obrigada — falo com voz embargada. — Você sabe como fazer uma garota se sentir especial, Vincent.

— É um pedido de desculpas também.

— Pelo quê?

— Por eu ter perdido o seu aniversário — ele parece culpado por um momento. — eu fiquei com receio de estar indo com muita pressa. Achava que minha covardia podia ser uma proteção também.

— Tudo bem.

Levo as flores ao nariz, aspirando o perfume, mas então percebo que preso em cada rosa tem um pequeno papel. Pesco um de uma rosa amarela e com um pouco de dificuldade o abro.

“Namora comigo?”

Sem acreditar no que leio, pego outro papel e mais outro, mas assim como no primeiro, todos contém o mesmo pedido, escrito provavelmente por ele.

— O que me diz? — Vincent parece ansioso enquanto me olha.

Eu acabo rindo, sem acreditar no que está acontecendo com a gente. Talvez o fio do destino realmente exista.

— Eu vou aceitar, mas só por um motivo.

— Qual?

— Por eu saber que um dia você vai ser um CEO, como nos livros que eu leio.

Minhas palavras o fazem rir e Vincent ainda está sorrindo quando me beija e faz com que eu me sinta a mulher mais sortuda do mundo e a que sabe que esperar algumas vezes pode ser doloroso, mas que pode valer a pena se for para acontecer.

— Alice — Vincent me chama quando eu começo a andar em direção a nosso condomínio, depois de quase sermos atropelados por uma bicicleta enquanto nos beijávamos. — Esqueceu de uma coisa.

— O quê?

— De me dar a mão. Eu quero mostrar ao mundo que namoro com a garota mais bonita da cidade.

Tenho que confessar que quando entrego minha mão a ele e começamos a andar de mãos dadas, as lágrimas escorrem por meu rosto, se perdendo no chão. Nunca ninguém quis andar de mãos dadas comigo.

Paro de andar quando Vincent me puxa para perto e seca meu rosto com o polegar.

— Quer saber de mais uma coisa, Alice?

— Qual?

— Depois de todos esses anos em que me esperou, meu amor finalmente é seu.

Capítulo bônus

O fim (por Vincent Azevedo)

Um ano depois

Decidir deixar a covardia em segundo plano e assumir meu amor por Alice foi um ato libertador, mas que ao mesmo tempo exigiu muito de mim.

Eu soube que a amava depois de um mês, quando nos víamos apenas para transar e eu fingia não ver a esperança em seus olhos de que eu a pedisse para ficar um pouco mais. Eu queria desesperadamente segurar sua mão e dizer para ficar na minha cama, no meu apartamento, na minha vida e principalmente: ficar comigo sem medir tempo, mas o medo de partir o coração dela e ter o meu esmagado era ainda maior.

Mas sabe como você descobre que o amor chegou a um patamar completamente diferente do esperado? Quando a saudade se alia a ele e te causa uma dor que faz com que pense que é muito melhor quebrar um braço do que continuar com a dificuldade de aceitar a solidão a que se impôs.

Foi no instante em que a saudade começou a doer mais do que o amor, que eu percebi que passei a precisar mais de Alice do que ela de mim. Ficava a todo instante lembrando dos recados que li colados em cima da sua escrivaninha e na familiaridade que o personagem da história dela tinha comigo.

Alice era uma escritora e eu sua inspiração. Através da poesia das suas palavras, eu me vi sendo amado e compreendido e descobri que apesar dela dizer que poderia me esperar até eu estar pronto, essa espera também estava sendo dolorosa para ela.

Nós estávamos sofrendo pelo medo que eu ainda insistia em deixar tomar espaço no meu coração e essa constatação me fez perceber que

somente se eu tomasse uma atitude as coisas mudariam.

E eu a tomei. Ao invés de Alice me esperar, eu esperei por ela e pedi que fosse minha namorada e essa se tornou minha melhor atitude, porque a partir do instante em que peguei sua mão, minha vida mudou completamente.

Alice passou a estar não somente em meu coração, mas na razão de eu sorrir, no perfume espalhado no meu travesseiro, na calcinha perdida no canto da sala e no livro esquecido aberto no sofá.

E eu me tornei o cara que comprava flores na sexta-feira, a esperava na saída do trabalho e a observava enquanto escrevia de forma silenciosa no balcão do meu bar, amando-a ainda mais por mesmo estando imersa no trabalho como professora, continuar a sonhar.

— Eu tenho um CEO para chamar de meu, Vince — ela dizia e piscava de uma forma que fazia meu coração errar uma batida. — Acho que em todos os meus mocinhos, sempre terá um pouco de você. Na verdade, sempre teve.

Quando ela me falou isso, eu pensei que não merecia um amor como aquele, mas que o tal fio do destino que Alice sempre acreditou, nos uniu da forma mais fantástica possível. Um homem que sempre achou que a vida tinha a exatidão de um cálculo matemático e uma mulher que nunca deixou de acreditar na força de um destino e de um amor.

Esse amor só foi posto à prova uma vez nestes doze meses em que estamos juntos.

Era uma manhã de sábado e Alice levantou antes de mim. Imaginei que iria preparar mais um de seus cafés da manhã com ovos mexidos de gosto duvidoso, mas então, antes mesmo de eu pensar em como engoliria tudo sem fazer cara feia, ouvi um grito histérico vindo do banheiro.

Levantei da cama correndo e vesti a cueca tropeçando na tentativa de chegar rápido até ela, imaginando que deveria ter algum inseto no banheiro

já que Alice tinha medo.

— Amor — a chamei da forma carinhosa que a fazia sorrir e que mostravam as covinhas. — O que está acontecendo?

— Na... Nada — ela soluçou, o que na hora me fez descartar a possibilidade de algum bicho nojento.

Tentei abrir a porta, mas estava trancada.

— Abre a porta e me fala o que está acontecendo, Alice.

A resposta que ela me deu foi mais um soluço e eu, por mais que me esforçasse, não conseguia entender o que estava acontecendo e a preocupação foi aumentando e, sem conseguir me conter, passei a esmurrar a porta.

— Alice, você está machucada? — Insisti, tentando em vão entrar no banheiro.

Ouvi mais um soluço e o barulho dela assoando o nariz, somente depois de mais alguns segundos foi que Alice abriu a porta do banheiro e eu a olhei atentamente, vendo que estava usando uma calcinha rosa e camiseta branca. A combinação que sempre me deixou louco. O que não combinava eram suas mãos atrás do corpo e os olhos vermelhos.

— Alice — falei seu nome com urgência, me aproximando e tentando verificar se estava machucada em algum lugar.

Eu me aproximar foi o que bastou para que ela voltasse a chorar, seus lábios tremeram enquanto tentava conter os soluços.

— Você está me deixando preocupado, amor — tentei acalmá-la, acariciando seu rosto e secando suas lágrimas com os dedos.

— Sinto... Sinto muito, Vince — ela falou e então segurou meu pulso com uma mão e com a outra me entregou um bastão branco.

Fiquei olhando embasbacado para aquilo, a princípio sem entender o que era.

— Eu... Eu achei que estivéssemos nos protegendo e comecei a tomar pílula, mas acho que algo deu errado, Vince.

Alice cobriu o rosto com as mãos enquanto soluçava e eu olhei mais uma vez para o bastão em minhas mãos, com dois riscos vermelhos. Apesar de eu ter sido meio lerdo, sabia o que isso queria dizer e, para ser sincero, não entendia o motivo do desespero dela.

— Alice — a chamei e afastei suas mãos do rosto, passando a segurar seu queixo. — Por que está chorando, amor?

— Estou... estou esperando um bebê, Vince — explicou ainda soluçando. — Não planejamos isso, eu sequer perguntei se você queria ser pai.

Olhei para a barriga dela e não consegui conter o sorriso. Eu nunca havia conversado com Alice sobre filhos por nossa diferença de idade e por imaginar que ela não iria querer ser mãe tão cedo.

— Alice, você já pensou em ser mãe?

— Sempre quis uma família grande.

A resposta dela foi o que bastou para que eu a abraçasse, sabendo que entre nós tinha uma nova vida sendo gerada. Um pedacinho de cada um, resultado de um amor inesperado e que iluminou minha vida solitária.

— Você não está bravo, Vince? — ela perguntou baixinho, apoiando a cabeça em meu peito e me abraçando mais forte.

— Sobre eu ser pai?

— Sim.

A confirmação dela foi o que bastou para minha imaginação funcionar e apesar de ter consciência de que não sabia nada sobre crianças, minha mente foi preenchida com imagens de um filho nosso e de um futuro ainda mais bonito e eu, que já havia deixado a covardia no passado, não me permiti pensar em nada que não fosse a felicidade.

— Eu estou tão assustado quando você, amor — respondi enquanto beijava seus cabelos. — Mas nós fizemos um bebê e iremos amar e cuidar dele.

Alice levantou a cabeça e me olhou, os olhos azuis ainda nublados pelas lágrimas e tudo o que consegui pensar enquanto olhava para aquele rosto, era que se tinha uma mulher para ser a mãe dos meus filhos e a companheira da minha vida, essa mulher com certeza era a moleca de boca atrevida a minha frente.

— Como fica nossa situação, Vince? — ela questionou e continuou a me olhar.

— Você quer morar aqui, ou em um lugar maior?

Alice arregalou os olhos e em seguida mordeu o lábio.

— Não quero que a gente comece uma vida juntos por causa do bebê. Eu...

— Eu já iria te convidar para morar comigo, Alice — expliquei e segurei seu rosto entre minhas mãos. — Tem até uma chave extra na minha gaveta para você. Estava apenas esperando o momento certo.

— Então isso quer dizer...

— Que eu quero te ver todas as manhãs, meu amor.

— Você tem certeza, Vince? Meus pais são excêntricos e minha melhor amiga maluca.

— Eu vou lidar bem com eles.

— Mas sua avó?

— Ela sempre quis um neto.

— Mas...

A calei com um beijo e passei meus braços ao redor de seu corpo, a conduzindo até a cama que passaria a ser nossa e a amando da forma mais

delicada e terna que consegui, priorizando seu prazer ao beijar cada ponto de seu corpo que sabia que a deixaria excitada e percebendo o quanto seus peitos estavam sensíveis ao chupá-los da maneira que gostava.

Eu a amei sem medidas

E agora, enquanto a vejo sentada no sofá com o notebook no colo e algumas balas de goma em cima da barriga inchada, não consigo evitar me sentir o homem mais sortudo do mundo.

— Falta muito para terminar a história, Alice? — pergunto quando a vejo dar uma pausa na digitação acelerada.

— Eu estou quase no epílogo, Vince.

Não consigo conter o sorriso. Já perdi as contas das vezes em que ela repetiu a mesma frase, mas sempre achando algo para corrigir e uma cena para acrescentar.

— Dessa vez irá mandar para sua agente o livro?

Alice para de olhar para a tela do notebook e me olha, um sorriso travesso deixando seus olhos iluminados.

— Essa é uma história nova. A outra, eu já enviei.

Tento ficar sério para que ela ache que realmente me ludibriou, mas perco e acabo rindo.

— Eu sei que é uma história nova.

— Sabe?

— Eu já te conheço quando começa um novo livro, Alice.

— Acho que essa será a história mais linda que já escrevi.

— A outra também era.

— Eu sei, mas...

— Você ama histórias de amor — completo sua frase e sento ao seu lado, colocando a mão em sua barriga. — E eu amo a sua felicidade ao

escrever e tenho orgulho do quão talentosa é.

— Você sabe que no meu estado qualquer coisa me faz chorar, não é?

— Eu sei, mas eu não posso evitar falar, assim como não consigo não te amar cada dia um pouco mais.

— Eu amo você também, Vince, quer dizer... — ela para de falar e olha para minha mão em sua barriga. — Nós amamos você, papai. Tem um garotinho aqui dentro que acha que minha barriga é uma bola porque não para de chutar quando você está perto.

Sorrimos um para o outro e eu ergo sua camiseta e beijo sua barriga.

— Tomara que você jogue futebol melhor que seu pai, garoto — falo para nosso filho.

Alice começa a gargalhar porque adora tirar sarro por eu não ser um bom jogador e eu só consigo calá-la com um beijo.

Amando-a ainda mais.

Amando-os e me sentindo completo.

Fim.

Nota da autora:

Fica Comigo é um conto que pode ser lido separadamente, mas que pertence a trilogia *The Erotic Writers*, que teve início com o conto *Surpreenda-me*.

Se você começou a leitura pela história de Maria Alice e Vincent, não tem problema, mas não deixe de conhecer Jaime e Paola e se encantar com o encontro do melhor amigo do protagonista desta história.

A trilogia será finalizada com o conto *Sendo Sua*, onde conheceremos Clara e Augusto. Uma escritora totalmente perdida e sem confiança e um editor carrasco que teve uma grande participação em sua desistência da literatura. Será uma história de vingança carregada de sensualidade e talvez... amor.

Agradecimentos:

Em primeiro lugar agradeço a Deus por mais uma vez ter me permitido contar uma história de amor. Obrigada pelo dom maravilhoso com que me presenteaste.

Agradeço muito as leitoras do grupo histórias de Jariane Ribeiro no Facebook que sempre me apoiam em cada novo trabalho.

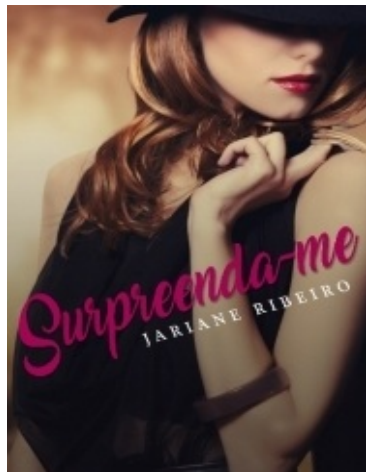
Meu agradecimento e amor as leitoras do Wattpad que acompanharam as postagens semanais e surtaram com Maria Alice e Vincent. Amei cada comentário e eles fizeram meu dia muito mais alegre e feliz. Nos encontramos com o último conto dessa trilogia.

Obrigada a você, leitor, que chegou até aqui e que vivenciou vários momentos com Maria Alice e Vincent. Espero que tenha gostado dessa aventura.

Com amor,

Jariane Ribeiro ♥

Não deixe de conhecer Surpreenda-me



Paola está completando 30 anos no dia de São Valentin e tudo o que quer é ser ousada, destemida e sensual como Lola Magalhães, a escritora de romances eróticos que não têm papas na língua e nenhum receio de mostrar para o que veio.

Isso até poderia ser uma competição, se Paola, a bibliotecária certinha e careta, não fosse Lola na segurança de seu quarto e em frente ao computador, dando vida a personagens e sendo o que sempre sonhou no grupo secreto de fãs que mantém escondido a sete chaves.

Decidida a aproveitar a nova fase, Paola pega a segurança de seu pseudônimo, esconde os óculos e pinta os lábios de vermelho.

Quando uma garota decidida entra em um bar, coisas surpreendentes podem acontecer.